

***caixa  
de  
correio  
poesia  
reunida***



***Carlos  
Rodrigues  
Brandão***

*Já é tempo de dizer nossas poucas palavras  
Porque nossa alma abre velas amanhã*

**Giorgos Seféris**  
***Um velho a beira do rio***

## ***Sobre os poemas deste livro***

Trouxe para este livro os poemas de que mais gosto de meus livros anteriores. Tal como imagino que aconteça com a maioria das pessoas que, como eu escrevem ao longo da vida, também poesia, meus livros foram publicados em edições únicas. Mesmo os livros que não estão esgotados nem sempre é fácil encontrá-los.

Sonho que esta coletânea seja um inventário do caminho percorrido desde 1966 até este mês de março de 2013. São, portanto, quarenta e sete anos de poesia. Entre os nãoos que me restam espero somar ao que escrevi pelo menos mais alguns poemas. Mas certamente não deverei ousar uma nova antologia. Sempre acreditei que “antologias” devem ser únicas, definitivas.

Ao reunir os poemas de meus livros anteriores realizei um percurso às avessas. Isto é, viajo com quem me leia desde o presente para o passado.

s primeiros poemas são os mais recentes e quase todos nunca reunidos em algum livro. Os últimos deveriam ser os de meu primeiro livro. No entanto, preferi encerrar este livro com uma coletânea de longos poemas em prosa. Alguns - e na apenas eles - ocupam várias páginas e pretendem converter a poesia em um outro ritmo, e, quase uma outra linguagem.

Os livros de poemas desta “poesia reunida” são estes: *Mão de Obra – poemas práxis*, de 1968; *Os Objetos do Dia*, de 1976; *Diário de Campo – a antropologia como alegoria*, de 1982; *O Dia de Sempre*, de 1997; *Os Nomes – escritos sobre o outro*, de 1999; *Orar com o Corpo – poemas e preces para as horas do dia*, de 2005; *O Vento de Agosto no Pé de Ipê – escritos do sertão*, de 2008; *O Caminho da Estrela – poemas da Galícia e do Caminho de Santiago*, de 2010.

Entre os poemas em prosa estão aqui alguns escritos entre Ouro Preto e Mariana, a que dei há muitos anos o nome: *Chão Mineiro*. Eles nunca foram reunidos em um livro.

Com facilidade se verá que alguns poemas preservam ao final data e o lugar, ou apenas a data ou apenas o lugar de

quando e onde foram escritos pela primeira vez. Não raro a mão e em alguma folha ao acaso de papel.

Comecei a escolher e reunir alguns poemas neste livro que tomou o nome *Caixa de Correio* em algum dia do ano de 2010. Terminei a coleta, a revisão e este livro, no dia 30 de março de 2013, um “Sábado Santo” - antigo “Sábado de Aleluia” - no *Mosteiro da Ressurreição do Senhor*, na Cidade de Goiás, em Goiás.

Que não parem mistérios sobre o título do livro. Poderia ser qualquer um. Assim, ao pensar nele, me veio a memória o lugar onde desde a minha infância eu volta e meia eu via, e vejo ainda hoje, chegar alguma carta em seu envelope. Vinda de perto ou de mais longe. E esta era, e é ainda, uma das maiores alegrias.

Meus livros de poesia, assim como os de outras viagens, podem ser encontrados em um “lugar” (link) de um “sítio” (site). Procurem em *Livro Livre*, depois de terem encontrado e aberto o [www.sitiodarosadosventos.com.br](http://www.sitiodarosadosventos.com.br). Algumas outras poesias podem ser encontradas em [folhasaovento.blogspot.com.br](http://folhasaovento.blogspot.com.br).

*Carlos Rodrigues Brandão*

## **os poemas, seus livros e suas páginas**

### **POEMAS DE AGORA**

*oferenda*

*quatro momentos*

*o primeiro*

*o segundo*

*o terceiro*

*o quarto*

*Haja isto!*

*um*

*dois*

*três*

*quatro exercícios de auto-desconhecimento*

*o primeiro*

*o segundo*

*o terceiro*

*o quarto*

*o primeiro dia*

*momento*

*e agora longe, quando eu me vou*

*e de longe, de repente, o que se via*

*agora brilha!*

*sobre o amor solto nas ruas*

*abelha branca, zumbes*

*a tarde, a noite*

*inventário*

*a noite*

*nascer, clarear*

*uma casa velha num canto de Goiás*

*como se*  
*como um presente*

## **ORAR COM O CORPO**

*sonhar*  
*comungar*  
*compreender*  
*catar*  
*descascar*  
*comer*  
*escurecer*  
*escrever*  
*duvidar*  
*vigiar*  
*fazer*  
*acolher*  
*envelhecer*  
*partir*  
*ressuscitar*

## **OS NOMES**

*Emilie Dickinson*  
*Rainer Maria Rilke*  
*Pierre Teilhard de Chardin*  
*Seféris*  
*Jorge Luis Borges*  
*Fernando Pessoa*  
*Alice*  
*Mário Quintana*  
*Carlitos*  
*Carlos Brandão*  
*Sidarta Gautama*  
*Jorge Luis Borges*  
*Abelardo*

*Rubem Alves*  
*Woodworth*  
*Ulisses*  
*Colombo*  
*Fernão de Magalhães*  
*Bartolomeu Dias*  
*Jung*  
*Joaquim Brandão*  
*Morgana*  
*Gramani*

*vizinhança de Manoel de Barros*  
*um*  
*dois*

*Álvaro de Campos*  
*Heráclito*  
*Tonho Ciço*  
*Kaváfis*  
*André Brandão*

## **O DIA DE SEMPRE**

*objetos, pedaços*  
*o coração do homem*  
*nem pão, nem flor*

*seis canções de tempo e vento*  
*uma*  
*duas*  
*três*  
*quatro*  
*cinco*  
*seis*

*ir*  
*vestir a espera*  
*Vicente Aleixandre*  
*o mar o mato a vida*

*situações de sob e sobre*  
*primeira*  
*segunda*  
*terceira*

*a vontade do simples*  
*o poema caça*

*três escritos sobre trem em Minas*  
*primeiro trem*  
*segundo trem*  
*terceiro trem*

*navegar é preciso*  
*como o brilho de um dia*

*sobre os dons*  
*serenidade*  
*perenidade*  
*coragem*  
*harmonia*

*três pastores de areia*  
*o primeiro*  
*o segundo*  
*o terceiro*



*um velho em Brúnico  
ali, sob o chão da casa  
sentado, a cabeça baixa  
outonos cúmplices*

## **OS OBJETOS DO DIA**

*com as mãos em concha  
um  
dois  
três  
quatro  
cinco  
seis  
sete*

*degrede  
sobre o poema*

## **MÃO DE OBRA**

*Zacatipa*

*morto a caminho  
um  
dois  
três*

*canta quando dança*

*o pueblo e seu povo  
Tzintzuntzan  
Huecório*

## **DIÁRIO DE CAMPO**

*vôos a oeste  
do alto sobre o cerrado  
alguns fogos, algumas roças  
as flores aprendem com as pessoas*

*três lições mineiras*

*de Minas  
em Minas  
com Minas  
de um trem mineiro*

*poemas da Meseta Tarasca e do povo Purêpecha  
um homem morto na polícia  
o menino que dorme  
o sino de Santa Clara  
memória das velhas da tribo  
potes de barro  
os seres da manhã  
as mulheres de Uricho, seus rebozos*

*o martelo agalopado  
seca/cheia  
meninos catam mangas a pedradas  
Gringo*

*o ofício de plantar  
voltar do trabalho  
festas de colheita  
os brincos  
a idade do ouro  
nomes, mortes*

*capelinhas de estrada  
diante do mar furioso  
trabalhadores do mar  
Pablo Neruda*

## **CHÃO MINEIRO**

*igreja de Nossa Senhora da Conceição  
igreja de Santa Ifigênia  
igreja de Nossa Senhora das Dores  
festa de Santa Cruz  
igreja de São Francisco de Assis*

## **O CAMINHO DA ESTRELA**

*Deus  
Santiago  
mortos  
peregrino  
outros  
pássaros  
meiga  
madeiras  
Vinhos  
ofícios  
Rosalia*

## **três canções de despedida**

*e como antes e sempre, vamos  
e veio de longe te dizer  
aos que vierem depois*

## **POEMAS DE AGORA**

### **oferenda**

*Trago nos panos da trouxa de onde venho  
os trapos dos farrapos da memória,  
coisas de pouco, um rol de quase nada:  
um toco azul de lápis, um de vela  
e duas folhas de papel timbrado  
com um desenho de lua e outro de aceno  
como se fosse longe, mas não tanto.  
Um mapa de Goiás, outro da Úmbria,  
A mochila nas costas e um caminho,  
um Romancero de Lorca, uma viola  
uma rosa-dos-ventos e o rosário  
co calendário dos dias de lembrar.  
a bota escura de terra, a mão de tinta  
um arco-íris, um poema, uma janela*

## **quatro momentos**

*depois de ler Hilda Hilst*

### **o primeiro**

*Hoje eu te canto e depois não.  
Pois é só o agora o que nos faz, aqui.  
E agora somos a carne da alma  
da manhã de um deus sem nome  
e é tua a mão que desenha nele um rosto.  
E, vê, amanhece do afago que nós temos  
e de nosso enleio amanhece e vem o sol  
e o nosso ardor deu a ele o ardor do dia.  
O que existe está aqui: criamos juntos  
desta lareira de amor que o amar acende  
quando entre mãos os corpos que se tocam  
tocam a raiz da terra e o céu do mundo.*

## **o segundo**

*O lavrar, o encandecer, o pressentir,  
o que vem da alma agora, rara amiga.  
Sim, o lavourar a terra como em prece  
e colocar no sulco a semente e a lágrima  
e ir embora sem a espera da colheita  
no chão de terra a que chamamos mundo.  
O encandecer porque em nós, de linhas vivas  
se entretece o fio de cores do tempo,  
o arisco andejo de horas que fazemos nossas  
como quem trás pra cama o trigo e o vinho.  
E o pressentir, porque quem planta profetiza,  
como quando desdobras o branco que te veste  
e como quem se cala, com as mãos dizes:  
"agora apaga a vela, e anda... vem".*

### **o terceiro**

*De olhar a noite eu vi que vem de ti  
este orvalho, esta espera da manhã,  
o sussurro de águas serenadas pela noite  
e este vento que abençoa o que houve aqui.  
e o que foi ontem e sobrou neste sussurro  
com que te digo o que guardei nas mãos  
que em teu corpo tocaram chão sagrado.  
Este pequeno exercício de saber de nada  
que é até onde chega quem depois de agora  
vê que viajou do sono ao som do sonho  
e do sonho ao rosto Sem Nome do sonhado.*

### **o quarto**

*Sombroso, melhor do que assombrado.  
Que daqui não fique ainda nada  
a não ser o desterro desta hora.  
A que se acaba de haver, e a luz se acende  
e o que clareia é o que foi e acaba agora  
e quem viveu se veste e vai embora.*

**Rosa dos Ventos  
inverno de 2012**

**Haja isto!**

*três poemas e fragmentos escritos entre páginas  
de um livro de poemas de W. H. Auden*

**um**

*Haja isto: o certo acerto do azar da morte.  
O aceitar sem queixas o gesto do inimigo  
O temor do estranho gesto de poder  
Quando ele chega e sem dizer o nome  
Assenta na mesa e assim diz: eu vim.*

**dois**

*A tudo a natureza inunda de aves calmas.  
Vagarosas no vôo como os velhos.  
Sábias no que calam  
como às vezes as crianças.*



## **três**

*Já pelo seu outono ele viajou a uma imensa mansidão.  
E assim ancorou no porto de sua casa, à volta da espera/ e  
navegou a sua mão como se fosse um golfo.  
E todas as manhãs atravessava mares  
indo do quarto ao escritório  
Como quem viaja de uma ilha a uma outra, longe.*

**No voo entre Paris e Salvador  
30 de setembro de 1994**

## **Quatro exercícios de auto-desconhecimento**

### **o primeiro**

*Vindo de longe como o vento, e de onde?  
trouxe o meu corpo, mera alegoria  
e mais o espelho opaco que esconde  
metade, a mascara de barro de meu rosto,  
metade o que sobrou do que me invento  
com um tanto de malva e sal a gosto  
e alguns retalhos de acaso e de folia.*

*Sem nada, sou um rico, e saltimbanco  
armo lona de circo, faço festa  
e, peregrino, quero nada na algibeira.  
O que não tinha, agora tenho: tempo  
e por isso escrevo isto lento... lento.  
Tempo é o que eu peneiro na peneira,  
e esse momento é tudo o que me resta.*

*O que eu fui, o que fiz é agora o invento  
de soletrar no caderno o esquecimento,  
até restar limpa a lousa da memória,  
como no vôo a ave esquece o ninho  
como de um barco a terra some aos poucos  
como fecha a casa quem vai pelo caminho  
e esquece a chave enquanto vai embora.*

*Esquecido de mim mesmo eu hoje, agora,  
já não sei mais saber o que sabia:  
se aquilo tudo houve em algum tempo  
e se tudo foi s minha a trama, a história  
em que alguém acaso creia um dia,  
ou se foi tudo sonho, mitos da memória  
estória, canto, conto, fantasia  
e é mais verdade assim, por isso mesmo.*

*Como do vôo volta a ave ao ninho  
e de longe o barco torna ao porto  
sou como quem depois de anos volta à casa  
e embaixo do tapete encontra a chave  
e abre o portão, a porta e a janela  
e colhe na mesa um álbum-de-família,  
e acende a luz onde já houve a vela  
e distraído folheia fotos a esmo.*

## **o segundo**

*Me embaralho de pensar  
que um dia fui saltimbanco.  
Fui professor de arapucas  
que prendem bicho nenhum.*

*Fui aprendiz de palhaço  
fui doutor de esquisitice  
fui viajante dos tempos  
sem sair de agora algum.*

*Fui mestre em esquecimento  
e só sei o que eu não lembro.  
Fui sabedor do sentente  
e esquecedor de ciência.*

*Sonhei ser a flor do ipê  
e no jardim que não tive  
plantei três rosas dos ventos.  
Fui descobridor de nada  
que se escreva em dicionário.*

*prestei concurso pra fada  
(não passei por meio ponto).  
Sonhei ser o mês de agosto  
no meio do calendário  
encher o mundo de sorte  
em manhã de um dia treze.*

*Desejei ser flor, já disse,  
ser terra, água e semente  
paraquedista, passante  
pintor, poeta demente  
cidadão de terra-alguma  
areia e estrela cadente  
e especialista vagante.*

*Sem sair da minha terra  
viajei o mundo inteiro  
vindo do fim pro começo  
andando sem um rumo certo  
sem bússola e GPS  
vagando de léu-em-léu  
em busca do que, se existe  
eu nunca vi nem conheço.  
Mas numa esquina sem nome  
eu me encontrei, de repente.*

*Cresci sem pressa e agora  
envelheci de menino,  
e de tudo o que eu vivi  
lembro nada... vagamente.*

## **O terceiro**

*Acordo e não lavo o rosto.  
Faço ginástica e... torto  
escovo os dentes de um outro?  
Me visto pra ir pra onde?  
de pijama e sobretudo.  
Esqueço o dever-pra-casa  
e refaço o dever-pra-vida  
(sempre em rascunho e aos pedaços).  
Me esquivo de ser quem fora.  
Me escondo de ser eu-mesmo  
(essa doença sem cura)  
E não busco uma saída,  
qualquer rumo me leve  
pra onde eu não quero ir.*

*Me re-invento de santo  
de palhaço e equilibrista  
de saltimbanco e sambista  
de bispo, cavalo e torre,  
e no jogo-xadrez de sempre  
Prefiro a rei, ser peão!*

*Volto à escola e re-soletro  
de trás pra frente o “abc”.  
Re-aprendo a ser sentente  
(como o que mora em você  
E você nem nunca sente!)*

*Me disfarço de ermitão.  
Começo perto do fim  
e não chegar ao começo  
é o que eu planejo, e assim  
não sonho ser quem desejo,  
e amar quem eu não mereço  
é tudo o que eu quero, enfim.*

*E quero escalar o Aconcágua  
e lá do mais alto gritar  
pra quem em ouça e ninguém:  
“esqueço o que eu sei de mim  
e o que eu faço é o que não fiz!”*

*Mas quando eu volto pra casa  
onde eu vivo, mas não moro  
escrevo num quadro a giz  
(e logo em seguida apago)  
tudo o que eu tenho a dizer  
de vã teoria e teorema,  
pergunta, prece, oração  
prefácio, tese e poema  
(de que sou sempre aprendiz)  
pra um livro de poesia  
que eu nunca escreverei..  
E mais geografia e receitas  
de pão de queijo e farofa,  
de frango caipira e feijão.*

*Caio fora da internet,  
(que você domina e eu não!)  
de blogs, do facebook  
do msn e das redes  
que me enredam dia-a-dia,  
até sentir que, esquecido  
de quem escreveu isso tudo  
já não sei se sou ou não  
esse, que ainda há quem chame:  
de... Carlos Rodrigues Brandão.*



## **O quarto**

*Do acaso inesperado surge a espera  
de que coisa alguma aconteça agora.  
Nada existe dentro e não há nada fora  
e verão algum vem depois da primavera.*

*Meu coração nem sente e nem decora  
o abecedário do Carlos que ontem fui.  
Ele sonha o que eu não sei. E vida afora  
sonho com um lago que é um rio em mim e flui.*

*Vida é o que vivi? E nozes fora... nada?  
E é ela que eu lembro quando acordo e esqueço?  
E é no escuro dela a hora em que amanheço?  
e minha casa é o chão de uma outra estrada?*

*Sonho? Sonhei que me sonhava um dia  
e no sonho sonhava que havia um outro em mim,  
E ele sabia e me lembrava o que eu esquecia  
e do sono me acorde, e o que não era, é. e assim...*

## **o primeiro dia**

*E terão vindo de um país de amêndoas  
e línguas sem o “ele” e sem o “eme”  
homens ágeis e alegres como em festa.  
E virão cantando e dizendo: “cantem”.  
E soprarão flautas e tocarão tambores  
e entre danças de abril dirão do Sol:  
Ele não é Deus, mas como um deus seria  
e por isso temos os corpos sós e nus  
e a mão esquerda tingida de azul real  
e a direita de lilás e carmesim.  
Do que aprenderam e sabem virão dizer:  
Nada viemos ensinar pois destas coisas  
Cada um aprende com o vento o seu quinhão.  
Temos apenas estas danças e dançamos  
Com os pés no chão do orvalho e da aurora.  
Não somos anjos, não anunciamos o futuro  
e somos seres de carne e de sopro e barro:  
nós, os que viemos de longe para dizer com danças  
que há tempo ainda e o tempo é sempre agora.*

## **momento**

*Não fora de argila essa manhã  
no forno que acende o sol do sul,  
e nem cantasse na mata um urutau  
e este riacho estreito e arrependido  
de haver deixado o alto de seus montes  
onde o nome de Deus se fala com três letras  
e essa música a murmurar nos teus ouvidos  
uma canção de amor e esquecimento,  
essa música, ouve, que poderia ser de anjos  
e é de água e de peixes, pedra e sonho.*

**Rosa dos Ventos**

**30 de dezembro 2003**

## ***e agora longe, quando eu me vou***

*Amei o mar.  
Foi quando era menino  
e molhava os pés na água e era anjo,  
e voava sobre Copacabana  
carregando uma estrela em cada asa.  
Gostava de andar pelas areias  
ali, onde a onda se termina  
e desenha na praia o meu destino.  
O mar não era mau nem inimigo  
e morrer nele era morar em outra casa.  
E agora, longe, quando eu me vou  
por caminhos onde há vales e veredas  
é o mar que amei quem vai comigo.*

## ***e de longe, de repente, o que se via***

*Lembro de quando um boi  
vinha vindo pela estrada.  
Era manhã e o sol de março  
Era como um céu de meio dia.  
E então era – ou foi - em Minas  
a estrada era estreita e era antiga  
e por ela um boi viajava e vindo vinha.  
E de longe, de longe e de repente  
No ar parado dessa hora morna  
Tudo o que se via pela estrada  
do alto deste canto acaso em Minas,  
era um boi parado numa estrada  
e uma estrada que pelo boi se vinha.*

***Ilha de Santa Catarina  
Florianópolis***

## **o dia, quando acorda**

*Dá-me, Deus, o que eu já tenho  
como este eu de quem sou e é quem?  
E não sabe e acorda e então é dia  
Como esquecê-lo se ele vai comigo  
E é quem me lembra de ti quando eu esqueço?*

*Dá-me este corpo que te quer ver  
e enxerga folhas, uma nuvem, meio pão  
uma ave, uma criança, uma cantiga  
o jornal de ontem e a mão da moça  
à espera do meu resto de comida.  
E o rosto do outro ... meu irmão?  
(o seu nome eu sei? O seu perfil?)  
e o mal do mundo e, às vezes, a alegria  
de estar vivo agora, e é só, e é bom.  
Dá-me, Pai, esta alma que te busca  
enquanto é quinta feira e chove  
e mais o andar de quem não acha,  
mas procura a passos pela areia  
e se te encontra enfim, não sabe mais  
se isto é acaso, se é fé ou se poesia.*

## **sobre o amor solto nas ruas**

*A mulher catando latas de cerveja  
um fio de sangue, um corpo na calçada  
um cego embriagado entoando samba  
E dois jovens se beijando como em maio  
enquanto um velho aos farrapos diz que é Cristo  
a dois meninos dormindo em papelões.  
Um outro bêbado gritando ao mundo e a Deus  
o mesmo de quem falava um homem crente  
com promessas de inferno e paraíso,  
enquanto alguém vendia doces e dizia:  
“é doce!” e andava com muletas, e sorria.*

***Abelha branca, zumbes***

*(De Neruda a Matilde)*

*Amorosa amiga, alguma noite antiga  
te fez a fios de fogo e foi embora  
e sobra o silêncio em tua casa.  
Os deuses do sentido eu chamo em teu nome  
com o ardor de abril e o mel de maio  
e convoco, irmãos e iguais, Oxossi e Pã.*

*Aranha e maga, arranhas a teia do vestígio  
e do arvoredor. Os rios da seiva te ornaram  
e de madeira dura é o pano de teu corpo:  
de pinho feito e de pólen, de poeira.  
Vasto é o sentimento e nele viajas  
como quem vem da gávea e vai ao leme  
e voas ao aceno das estrelas  
e velejas no arcano, o lume aceso.*



*Pois és o fogo e a brasa e és a areia  
e algo em ti arde da autora à hora do segredo  
quando o teu dorso de alma afago,  
e navegante vou com a mão entre o medo  
e o estuário do teu ser etéreo e de argila.  
E se estremeço é porque colho  
no jardim de cores de teus olhos  
como ave atenta ao brilho de uma estrela  
o aceno afoito da nave do desejo  
navegando o bravo mar do Chile.*

## **a tarde, a noite**

*Escuta: os tardos bois da tarde  
amanham grãos de março  
e sobre um monte onde há vozes  
voam três aves e anoitece.  
O escuro cai e faz um frio.  
Troveja longe e um raio rasga um véu  
feito de orvalho e sonhos de menino.  
Há uma lembrança ontem esquecida  
de ser lembrada para sempre nesta noite,  
e sobre o corpo do campo  
algo de um rosto antigo paira  
como a pesada pessoa de um morto.*

*A foice cortava anteontem  
o que não era prado e nem festa  
no alqueire verde do chão.  
Não há um sino que redobre  
nesses ermos de sertão.  
Mas às seis horas da tarde  
algumas mulheres velhas  
cessam ofícios de forno e de fogão  
e abraçam não sei que nome  
como o de um filho ou de um deus.  
A noite cai por onde quer  
e para florirem os pés de ipês  
com a cor de alma e a cor da sombra  
a lua e as estrelas hoje esperam  
fogões apagados, cinzas, cinzas  
e o morno sono das chaminés.*

**Pretos de Baixo  
Joanópolis  
fevereiro de 1993**

## ***inventário***

*Seco, sem ares e vivo de vida  
o que é igual ao que não era azul  
e no escuro do escuro do que existe  
cresce no altar do tempo a ara do tempo  
e sobre o solo da alma a água apruma  
o seu se ir de rio em rio caminho afora  
como essas águas de maio no sertão.  
E é tarde e chove e cai um raio, e um outro  
acende o céu e o céu aclara a noite clara  
e é cada estrela como a espera de outra  
e o sol da luz lembra ao olhar do homem  
que uma vela só clareia o mundo inteiro.*

## **a noite**

*Vem do luar  
uma branda luz de prata  
com que a lua prateia o seu luar.  
E de prata se cobrem a vida e o vento  
e é o claro da noite que clareia  
a luz clara da lua e o seu luar.  
Tão clara luz clareia este lugar  
tão de prata ela prateia este momento,  
este clarão a que chamamos “noite”  
e o seu veludo de estrelas e de luz,  
que se imagina: a luz é o sentimento  
com que a noite pensa o seu passar.*

## **agora brilhe**

*Venha a luz!  
Branqueie o quintal  
a casa e o muro  
e azule agora  
a estrada, a trilha  
da face do que antes  
era escuro.  
E o que foi noite  
e o seu rosto  
de sombra  
e de veludo  
Agora aclare.  
Agora brilhe!*

**Cidade de Goiás**  
**março 2013**

## **uma casa velha num canto de Goiás**

*Lembro uma tarde, chovia e era março.  
A casa era vazia e adormecia  
e as coisas se olhavam sem espanto  
desde quando as mulheres foram embora  
e da casa levaram as mãos e as malas.  
Sem espanto as coisas se entreolhavam  
enquanto a casa velha envelhecia.*

*Um anjo sem ofício madrugava  
e velava a sobra do que havia:  
uma panela sem a tampa, uma caneta  
um tinteiro vazio de tinta preta  
uma foto sem o rosto de quem foi  
um livro dado às traças e ao silêncio  
um calendário de um ano que passou  
um relógio parado às dez pras duas  
(e na hora certa duas vezes todo dia)  
um poço de água sem água, boca e fundo  
uma teia de aranha sem a aranha  
a poeira sem o medo da vassoura  
e a vassoura sem pelos na parede  
esperando o fim do dia, ou o fim do mundo.*

**Cidade de Goiás**  
**Semana Santa de 2013**

## **como se**

*para Maria Alice*

*Talvez porque a tarde de junho fosse como sempre,  
mas uma certa coloração, de resto, bem usual,  
Entre o laranja, o lilás e o vermelho claro  
Desse ao crepúsculo alguns acentos de almanaque,  
ou talvez porque inadvertidamente então  
o canto de alguns pássaros dados como extintos  
soletrou de repente e ao puro acaso notas de música  
Que os ouvidos juram haver esquecido,  
talvez apenas porque o julgamento dos mortos  
sobre os gestos ruins e bons dos vivos  
pareceu por um momento adiado para outubro,  
talvez porque... bem, porque é tarde  
e o canto das aves e aquela inaprendida sensação  
de que é possível arrancar flores do jardim  
sem o juízo implacável dos avós,  
então, pela beira dos campos aqui em Goiás  
tomei as suas mãos, amada minha  
e vinte e dois anos depois de um dia em julho  
eu as beijei com o olhar travesso e amoroso  
do menino que fui há muito tempo  
e que eu pensei haver morrido não sei quando.*

**Campinas**

**como um presente**

*hoje eu te trago  
amada, amiga  
um sol de dores  
um rol de flores  
e as cantigas  
que o povo canta  
quando em janeiro  
a um deus menino.  
refrões e frases  
te trago hoje  
de um desmazelo  
que vida afora  
levo comigo  
quando o sol conta  
qual o caminho.  
trago nos bolsos  
os inventários  
das melodias  
que a morte pinta  
e a vida fia:  
uma de noite  
outras de dia.*



*mas também trago  
amiga, amada  
flores da mata  
cheiros de malva  
e madressilva.  
trago um alqueire  
de terra preta  
da terra viva  
do coração.*

*nas mãos, no canto  
amada, amiga  
trago a alegria  
de tanto amor  
e esse poema  
que canta e conta:  
o que foi feito  
o que foi dito  
o que foi ontem  
o que foi vida  
amada amiga  
o que foi nunca  
por isso é eterno  
o que foi dor  
por isso é terno  
o que foi triste  
por isso é nada  
amiga amada.*

## **ORAR COM O CORPO**

### **sonhar**

*Desenha, Deus, no caderno  
um arco-íris.  
És bom pintor, eu creio,  
um bom artista.  
Depois cantarola sete notas  
como se fosses  
meu Deus, um passarinho  
desses que cantam  
quando o sol vem vindo.  
Soletra o meu nome de criança  
e depois me dá a mão  
como a um amigo.  
É que eu te ame assim,  
Devagarzinho,  
com velas e preces  
pão e vinho,  
como se eu fosse um deus  
e tu, um menino.*

## **comungar**

*Seu nome de homem  
é de um anjo: Gabriel.  
E será de um santo o gesto?  
Levar na mão o pão feito à noite  
com fermento, sal e noz moscada  
canela, malva e grãos de aveia.  
Um pão escuro como se usa no subúrbio  
comprado com moedas de centavos.  
Levar o corpo de um Cristo embrulhado  
em papel de nuvem cor de chumbo  
e repartir os pedaços pela rua.  
Dar o pão a quem não crê em deus algum  
não conhece as cartas de Paulo Apóstolo  
e tem o olhar de neve e não agradece  
e não se converte a coisa alguma  
e nem vota em quinze de novembro.  
Dar meio pão àquele de quem fogem os anjos  
e sonha, no entanto, como um humano  
uma vida cheia de feriados  
com cheiros de cerveja, o jogo de truco  
e um corpo bom de uma mulher da vida.*

## **compreender**

*Anos depois essas flores de acácia  
amarelas como o mel que vem do sol  
estarão aqui a cada lua nova de maio.  
Alguém haverá de pisar as pétalas caídas.  
Outros serão os viajantes, uma gente de longe  
chegada aqui a passeio ou em busca de um irmão.  
De quem nós fomos não saberão nada  
e nem sonhariam perguntar qualquer coisa.  
Por isso alguns de nosso tempo tomam a faca  
e com a ponta ferem um nome nas árvores.  
Deixemos a eles este pequeno desejo do eterno  
de que imaginamos estarmos livres  
como quem esquece na areia o sinal do corpo.  
A noite virá, e o vento e o mar saberão apagá-los  
e já amanhã os pássaros de hoje terão esquecido  
a nossa breve e efêmera passagem por aqui.  
Assim terá sido. E assim se esquece  
e um dia não estaremos mais sob esta sombra  
juntos como agora entre essas flores de acácia.*

*Fiquemos pois um pouco mais sob a sua copa  
para que duas ou três flores caiam do alto  
sobre os nossos ombros e os nossos nomes.  
Uma outra florada destas gotas de limão-e-ouro  
haverá de deixar cair pétalas sobre o chão.  
Efêmeras elas e também nós, amigos.  
Mas a cada ano em maio elas retornam  
e nós? Onde estaremos nós então?  
Onde estaremos quando for o maio  
de um tempo depois de um último outono.*

**catar**

*As mãos têm rugas, mas são sábias  
e há setenta anos fazem isto: catam feijão.  
Separam dos grãos os grãos  
e do feijão as pedras e as palhas.  
Como as mãos de um rei criam a ordem  
e desenham no mapa da mesa  
o lugar dos perdidos e o dos salvos.  
Tocam cada grão dizendo um nome  
colocam de um lado o joio  
e do outro o trigo. E a voz canta  
uma canção de chamar os santos  
sem saber que é do Nazareno  
que as duas mãos falam na cozinha.*

## **descascar**

*Tudo o que o navegador Colombo  
fez no ano da graça de mil  
quatrocentos e noventa e dois  
eu faço agora, aqui, de novo  
e assim, sentado na varanda  
ao redor da mesa às oito horas.  
Colho como se um mundo uma laranja  
e com as dez naus dos dedos  
e mais o vento da faca afiada  
saio armado de mapas, silêncios  
e astrolábios e velejo a Oeste.  
E viajo com sede ao redor da Terra  
em busca dos segredos do Oriente  
escondidos num gomo de laranja.*

**comer**

*Já não dizemos: é hora. Já não é.  
a hora passou e era agora  
e entre nós três ficou esse relógio  
parado há sete dias às seis horas.  
Pomos de volta na mesa uns pães  
um jarro de água fresca, um girassol  
um bilhete de trem, um par de óculos  
um retrato sem data, duas chaves  
uma caneta sem tinta, o mapa de Minas  
e um guardanapo de papel onde se lê:  
quem estava aqui? quem veio antes?  
Escreveram a lápis, mas ... quem foi?  
E se foram e antes de nós fizeram  
entre eles essas coisas conhecidas:*



*comeram e nem disseram: é hora  
e um ar de junho entrava da janela  
e beberam e limparam a boca  
e olharam na rua um jornaleiro,  
uma notícia, uma pedra, uma gaiola,  
o passar do tempo, um par de irmãos,  
um penitente e um pregador da fé  
de um povo distante nove noites.  
Olharam o que viram daqui desta janela  
e entre eles deram, como nós damos  
a essas coisas simples do correr do dia  
ora o nome de milagre, ora o de história.*

**escurecer**

*Um pouco virá da luz.  
Seu tempo será o do lampejo.  
Um momento e o sopro apaga a vela  
e a parede espelha a escuridão.  
Um pouco virá da brasa. Virá da fuligem  
e da pedra de fogo sem o fogo, sem o lume  
vivo do vento como acendia a dançarina.  
Um pouco virá da cinza. Sua areia  
boa ao tato, pois ela é o fogo quando pó.  
Recolhida na concha rosa das mãos  
ela retorna ao chão de saibro  
e é sinal de Deus, pois é o que resta do milagre  
e devolve à casa da terra o que era dela:  
a madeira, a folha, a alma e a vida.  
A primeira chuva é o esquecimento  
e um pouco virá do sopro do silêncio.  
Isso de que o vento fala quando atíça o fogo*

## **escrever**

*Eu que de você nem esperava  
esta palavra sonolenta e bocejante  
saída da cama com olhos tardos.  
Essa palavra como um relógio sem corda  
guardado sem uso entre o avô e o neto  
como a flor caída antes do fruto  
ou como quem vai morrer e faz um gesto  
e cria uma coisa de dizer e não diz nada.  
Essa palavra como a escrita na parede  
com nove letras, sendo cinco apagadas  
onde se lê ainda um erre, um ene e o quê?  
Essa palavra sombra como a sombra  
quando a hora foi e deixou o rastro de  
quando já não há sol e nem há sombra.*

**duvidar**

*Sei que me resta pouco tempo  
para ser estas vidas desvairadas  
que esqueci de haver até aqui.  
me faz falta uma alma ao vento  
mais errante ainda e adiante de mim.  
Me falta um corpo em estado de fogo  
mais do que este, afeito a quinhões pequenos  
de estrada de terra, de colinas e águas calmas.  
Me faz falta um espírito mais sereno  
e afeito a ouvir os anjos.  
Me faz falta uma inocência de gestos  
sem sentido, sem uma razão conhecida  
e sem qualquer proveito  
como a de quem caminha  
e responde a quem pergunta: pra onde?:  
existe isto, amigo? Existe “onde”?*

## **vigiar**

*Não passou o que chamamos de espera.  
O instante entre o canto do cuco e o silêncio.  
Entre a cantilena da mãe e a lembrança.  
Entre a ave morta e o vento roçando o arco do rei.  
Nada passou, nem mesmo a noite  
e por isso, vigia, calas de olhos abertos  
como quem espreita o anjo ou o inimigo.  
O corpo como quem acende a vela  
e empunha a espada e treme.  
Os ouvidos acesos como quem vê na escuridão  
e ouve sozinho o anúncio do final dos tempos.  
“Vigia, vigia! O que é da noite?”  
Como quem não obstante silva e chama pássaros  
ou como quem acena a ninguém e chove e é dia.  
Como quem na parede decifra o olhar do outro  
e fala de Deus como quem soletra  
cantigas de ninar, canções de inverno.*

**fazer**

*Olha. Nesta mesa de uma madeira escura  
e antiga, feita por um marceneiro cego de amor  
morto em uma festa do Corpo de Deus  
amigo de cabras negras e de estrelas  
há marcas do tempo. Com cuidado  
saberás ler algumas figuras, manchas dos anos  
e outras de um óleo de plantas raras derramado  
sob a luz de velas cor de aveia.  
Espia atento e de nada te envergonhes  
e vê que algumas são claras como esta.  
Será como se o pão esquecido entre a noite e a manhã  
deixasse impressa aqui a sua face.  
Olha bem, alguém fez e há alguns riscos desenhados  
com as unhas: quem? porque?  
E outros, fundos, lavrados com metais de faca.  
Não sei se ao cabo destes dias, agora que te vais  
terás deixado na mesa algum sinal. Deixa também  
e antes de ir embora volta e põe por um instante  
as duas mãos sobre ela: assim, sem pressa.  
Melhor do que os traços que o tempo varre  
é o haveres deixado aqui o peso de tua alma.*

## **acolher**

*Não seria preciso dar a este corpo  
jovem um dia e agora calmo, colhido pelos anos  
a cor da pele do tempo dos heróis  
pois nada nele foi o elmo e o escudo  
e nem foi a carne dada aos deuses  
e nem a volta pelo mar de Circe.*

*O que eu fiz foi com estas roupas de feira  
e a lembrança de um vinho, de um vento.  
Agora, quando não há mais o arder do fogo  
espero a morte como quem se banha  
e veste a roupa do domingo e faz a barba  
e pensa em deus dizendo: agora é tempo!  
e fecha a porta da frente vagaroso  
e vai embora da casa sem remorsos.*

## **envelhecer**

*Foram ásperos os teus anos.  
Os dias de ontem foram duros  
mas agora chegas e descansas.  
Limpa das unhas com a ponta da faca  
a terra havana. Foram ásperos os teus anos.  
Raspa do calcanhar essa pele tornada pedra  
a dura obra que os passos fizeram de tua carne.  
Banha o corpo com a água morna  
e que te seja um amigo o mês de maio  
(não se morre em maio. não ainda).  
Esfrega com sabão de cinzas e palha de milho  
o corpo de cor da terra como a terra  
repousa a alma enquanto a noite  
cobre os campos onde semeastes trigo.  
Esquece os números: a Deus as contas e o futuro.  
Esquece o tempo e lembra:  
havia uma canção? Havia um canto  
e o pai sabia e te cantava quando era junho  
e juntos abriam trilhas nos sertões de Minas?  
Esquece as contas, lembra o canto.  
Foram ásperos os tempos.  
Agora é o tempo. Canta!*



## **partir**

Cora Coralina

*Já não faz mais doces  
e segredava: sou doceira,  
a poesia é só o acaso.  
Tinham pouco açúcar e eram doces  
e esse, dizia, é o meu segredo.  
Já não andava nas ruas da cidade  
as pedras cansavam os pés, eram aventuras  
de antes, e do mundo baste o seu quintal  
de figos e mamões, milho e memórias.  
Houve um tempo quando o rio Vermelho  
tinha ouro, peixes e águas limpas.  
Hoje, do que vale olhar pela janela?  
Há dentro dos olhos uma paisagem e é mais bela.  
Já quase não escrevia, gastou o rol das rimas  
e sonhava ser sábia em silêncio.  
Quando a morte veio um outro dia estava pronta  
como quem tira do forno o doce  
apaga a vela, põe no ombro o xale  
e abre a porta e sai e vai embora.*

***ressuscitar***

*Que o meu corpo  
alimente um pé de Cedro.  
Que a minha alma  
o embale com o vento.*

## **OS NOMES**

### ***Emilie Dickinson***

*Guardei o gosto de olhar pela janela  
mas não vi fora. Feri os olhos da alma  
e envelheci com o vinho. Cresci dentro  
de mim um arvoredor: sou sem sombras.  
Sofri? Não sei. O que é sofrer? É isto?  
Isto eu escrevo como quem arranha o corpo  
e com as mãos se lava em lava acesa.*

**Rainer Maria Rilke**

*Suponho haver sido sonho:  
um rosto, só o rosto sem o olhar  
de um anjo quando dorme  
e por um momento esquece ser eterno.  
E então, ébrio de um sonho assim  
sonha não acordar.*

## ***Pierre Teilhard de Chardin***

*Algo era de areia  
e era de ouro.  
Mas não a Era do Ouro  
não ainda.  
E era de água e pólen  
seiva e vida. E assim  
era tudo tão havendo  
e convergindo  
a um lugar tão longe  
e tão humano e tão  
saindo de si mesmo  
e sendo um outro:  
que no chão do céu  
um deus chorava  
ser tão eterno e de um barro  
tão sem-fim.*

## **Seféris**

*Aqui, nesta colina onde me vedes  
voltado ao vento, ao mar  
os deuses de agora sufocaram  
os nossos, de antigos nomes.  
Acendemos fogos que de longe se vê  
mas já não sabemos mais a quem.  
Algumas flores cor-de-vinho, cor-da-pele  
as nossas moças deitam sobre o altar.  
Mas os cantos sem harpas destes gestos  
apenas os velhos, os mudos e os mortos  
sabiam entoar.  
Dizemos preces como antes  
mas já são tantas as línguas  
e tão estranhas, com que se implora  
o pão aos deuses.*

## **Jorge Luis Borges**

*Uma só coisa não há:  
o esquecimento.  
A memória é tudo  
todo o tempo.  
E uma coisa só existe:  
este momento.  
Uma rua esquecida  
em outra rua  
e a fagulha fugaz  
de seu presente.  
O dom de haver agora  
isso – e isto é sempre  
e o fugir do azar  
deste segundo.  
O resto é a morte  
a sombra e o sonho.  
É olhar contra o vidro  
e ver o mundo.  
É uma faca sem lâmina  
sem o cabo.  
É um poço de água clara  
todo água:  
sem o balde e sem a borda.  
Sem o fundo.*

**Fernando Pessoa**

*Me vi fingindo ao dizer  
a dor que não sinto e canto  
na dor que sinto e não conto.  
E assim, não sei o que é dor  
entre o meu riso e meu pranto:  
a dor que não sinto e escrevo?  
Ou a dor que sinto e escondo?*



## **Alice**

*ali, naquele outro país*

*Por detrás do rosto do espelho  
um outro espelho espiava  
o seu olhar espantado.  
E ela, Alice, não sabia mais  
se era ela quem olhava o espelho  
ou se o rosto do espelho era  
de uma outra menina e era dela  
olhando e se vendo do outro lado.*

**Mário Quintana**

*Quando eu me pinto  
não sei de mim.  
Não sei se minto  
pois o retrato  
de tão fiel  
(dito e não dito)  
sai diferente  
(assim... assim)  
de como eu sou.  
De como eu sinto.*

## **Carlitos**

*Deixou quando morto  
mais ou menos isto:  
um chapéu preto, roto  
dois tocos de cigarro  
e um resto de bengala.  
Um certo ar de quem  
acorda e é outro.  
Um par de sapatos  
a casaca, um lenço  
e o sorriso triste  
do lado de dentro  
da alma de seu rosto.*

**Carlos Brandão**

*Ah! Eu sabia que haveria de ganhar  
essa fogueira acesa no horizonte  
desse sol que anoitece como um mago  
quando escolhi a janela da asa esquerda  
deste avião que voa e vai... pra onde?*

## **Sidarta Gautama**

*São seis horas de novo  
e agora é sempre.  
tudo o que vive está  
morrendo em mim  
aqui, debaixo deste verde  
de uma sombra amiga  
que me é uma árvore e é o nada.  
O sol se põe se acaso existe  
e eu sou quem? Se penso assim:  
tudo é tão só e é tanto  
e é fortuito como a pedra  
ou é eterno como a flor  
o passar da vida pela alma  
a que morre e volta e amanhece  
e na manhã dói de novo  
de ser de novo a dor?*

**Jorge Luis Borges**

*Me espio no espelho  
e ele me espelha  
a imagem do outro  
de meu rosto.  
O eu onde me olho  
e não me vejo.  
Onde não vejo ninguém  
e vejo o outro.*

## **Abelardo**

*carta nunca escrita a Heloísa*

*Queria roçar-te agora e anseio assim:  
Tocar com a mão a alma de teu corpo  
E não o espírito, Heloísa, etéreo e fugidio  
e fiel demais à prece de meus dedos.  
A aura sim. O suor de luz de ti e o selo  
do lugar da crença onde o teu rosto  
evita a vizinhança má do mundo.  
Quisera tocar-te e te sentir no sonho  
como voa a gaivota cinza sobre a água  
e no ar volteia o desenho de um jardim.  
Quisera tocar-te e te reter um pouco e só  
como quem vai a um poço e vai sem sede  
pelo desejo apenas de ir-se e vê-lo  
e, sem beber, contemplar seu fundo espelho.*

**Rubem Alves**

*ele falava sobre o meio-dia e o pôr-do-sol... poetava*

*O sol acena adeus e tardo parte  
pra casa de onde volta às seis-e-meia.  
De mel e triste se cobre a tarde agora  
e tudo é tão caseiro e tão poesia  
(como o cheiro do pão, da lã, do vinho  
uma fruta de caqui, um alguém na sala  
e o fogo ardendo num fogão de lenha  
que o ma do amor se esquece nessa hora  
e o corpo canta o que a alma silencia.  
Pois entre um trago e o olhar de tudo à tarde  
quando não é nem então e nem ainda  
por três minutos a vida – como outrora –  
é tão boa de viver e – como a alma – arde.*



## **Woodworth**

*A calma da alma da água  
repousa em meu pensamento.  
Um silêncio belo e de prazer acena  
e o céu, sereno agora como nunca  
naufraga um barco em meu coração  
e juntos e sem medo  
mergulhamos os dois no sonho.*

## **Ulisses**

*As mãos que trouxe  
esqueço no meu corpo.  
Estrela de Antares me desvelo  
e – grego – me perco e me apregôo.  
Se é cedo hasteio a vela ao tempo  
e velejo à volta de meu ombro.  
Aí vou e onde ancore salto e então revejo  
A ilha de quem sou quando era arcanjo.  
Arcano duende sofredor e crente  
aceno o pano da pele ao longe  
do país da pessoa de onde venho.  
Aceno e já nem sei se ainda creio  
ou se adivinho na imagem do rosto  
de meu nome – o meu destino.*

## **Colombo**

*como Magalhães*

*O mundo pouco  
e o Oriente, ali.  
Se há vento, vou.  
Sou navegante  
e sei de um sonho:  
uma outra terra  
até onde ir.  
Quando eu nasci  
havia um anjo errante  
a leste de meu nome  
e quando eu volto  
eu volto a quê, aqui?*

***Fernão de Magalhães***

*como Colombo*

*Não vim do mar  
o mar veio comigo.  
Se a Terra é sem termo  
eu nunca vi: mas sei.  
Diziam: viver não é preciso...  
Ouvi e naveguei  
e a viagem foi pequena  
estranha e infinda.  
E agora volto: a quem?  
Se o que eu buscava antes  
busco ainda?*

## **Bartolomeu Dias**

*Eu não me fiz de arisco  
e nem de atento  
por ser um rosto no cobre dos vinténs.  
Nem por mandos de Deus eu fui tão longe  
(não ousou tanto... eu sei. Eu sei!)  
Não foi por isso que alcei a vela ao ombro  
e saí dando prece ao mar e ao vento.  
Marinheiro, eu nunca quis castelos  
e nem o meu nome em terras ou no tempo.  
Me fiz de velejar – de ir-me e sempre  
entre uma ilha e outra e outra à frente  
em busca de ouvir o chamamento  
do que é em mim o nome de meu medo  
e o meu assombro.  
Pois quando tudo há, que ainda se invente!*

## **Jung**

*Sonhei que tive um sonho  
e de dentro do sonho eu me sonhava.  
Uma mandala me cobria o corpo  
além do silêncio havia um nome  
atrás da mandala havia um rosto  
e por detrás do rosto havia outra.*

## **Joaquim Brandão**

*Filmes?*

*Preferia os mudos  
e plantava ninhos  
nos quintais de longe.  
Queria o bem de tudo  
o tempo todo e, amoroso  
com a vida a cada instante  
convivia com o silêncio  
como em sonhos. Era sozinho  
entre tantos e foi um homem  
que nasceu pra monge.*

## ***Morgana***

*De meu irmão Arthur  
eu quero o corpo.  
Quero a alma e o suor  
o sangue no meu colo  
e o mal da lei.  
Quero a boca colada  
no meu seio  
e no sexo eu quero  
a mão do rei.  
Quero a chama do ardor  
do que eu desejo.  
Quero o ódio do amor  
partido ao meio.*



## **Gramani**

*poucos dias depois de haver partido*

*Carregava sapos na algibeira  
e nos cabelos pendurava borboletas.  
Era um violeiro de violinos  
saraus, silêncios, trens de corda  
sabiás e rabecas madrugueiras.  
Quando morreu, um dia  
viram a sua alma de poeta  
caminhando flores e veredas  
orquestrando corais de bailarinas  
conversando com olindas e arapongas  
e poetando entre os galhos das mangueiras.*

## **Vizinhança de Manoel de Barros**

### **um**

*Nasci pra árvore  
tatu peba e traste  
por isso escrevo  
como quem escava.  
Cresci pra peixe  
lagartixa, lesma  
caramujo e erva brava.  
Por isso escrevo  
como quem lavra.*

### **dois**

*Foi uma tarde dessas, mano  
e eu guardo dela um rastro  
no alforje das lembranças:  
um passarinho zunia no horizonte  
e voava de longe pra mais longe  
e era tarde e – lento – anoitecia  
e da noite e do vôo da avezinha  
me sobrou este resto de memória  
me ficou esse traste de poesia.*

## **Álvaro de Campos**

*Quando eu me olho de mim não sei  
pois não aprendo a pensar o que eu senti  
e assim me perco às vezes no fugir  
de quem eu sou no ser de quem serei.*

*E então me fujo do ontem que eu vivi  
como um rio que passa e vai e flui  
pois não me acho no rosto de onde vim  
e nem estou na pessoa de quem fui.*

*E assim é. E assim viajo e velo e vou  
como quem caminha e, de repente  
para e pensa: esse sou eu e eu sou?  
Ou é um outro eu que em mim se sente?*

**Heráclito**

*o fragmento cinqüenta*

*Outra vez o eterno morre e é tempo  
e sem trégua o tempo passa e eu passo  
e findo e retorno ao zero e ao fim:  
do quê? De quem? De onde? E quando?  
E a sombra da luz clareia o acaso  
e a memória de um rio me diz assim:  
quem há? Se a areia para na ampulheta  
e o rosto de deus há um pensamento  
a respeito de todos e nenhum?  
É tarde e a tarde flui e eu fui  
e ouvindo a voz do Logos e não a mim  
vejo que tudo e todos somos um.*

## **Tonho Ciço**

*Antônio Cícero de Souza, lavrador de Minas*

*Não são muitos os maíos da vida  
quando um vivente pode se assentar  
na beirada da noite e do silêncio  
enquanto a toalha do rio espelha a lua  
e navega um veleiro de meninos  
entre matos de ingás e gameleiras.  
Não são muitos os minutos de um homem  
saído do trabalho das sementeiras  
para enrolar no feixe dos dedos  
um cigarro manso de palha seca de milho.  
Deixai-me portanto, Bom Jesus dos Perdões  
ficar por aqui remoendo os meus mortos  
pelo menos enquanto a fumaça da brasa  
ainda cria no ar de maio nuvenzinhas de conto  
que o vento dos montes toca e a noite embala.  
Véus de fogo nunca tão densos, tão escuros  
como os fumos que um homem velho como eu  
acende e faz subir dos fogos do coração.*

## **Kaváfis**

*Não seria preciso, Atena, dar a  
este corpo agora calmo, envelhecido  
as imagens dos tempos dos heróis.  
Pois nada foi elmo e nem escudo  
e nem foi a carne na brasa aos deuses  
e nem o vinho da oferta, mas do gozo  
e nem a volta pelo mar de Ulisses.  
O que eu fiz foi entre roupas de mercado  
e a lembrança do tempo vem com o vento.  
Agora, quando não há mais o ardor do moço  
espero a morte como quem fecha a porta  
e a acende a vela na mesa de seu ícone  
e varre a casa feliz, depois da festa.*

## **André Brandão**

*Acordei com almas de coruja  
em manhã de chuva no arvoredo  
e olhar de boi em pasto de janeiro.  
Queria o resto da sobra do almanaque  
e um doutor em piruetas, em murmúrios.  
Queria desentender de geografia  
e dos livros de regras de gramática  
onde todos os verbos são gerúndios.  
Queria mesmo é falar de coisa alguma  
numa roda de meninos e mendigos  
de velhos de casaca e saltimbancos,  
os que desenham com o ouro das abelhas.  
Eu sonhava suspiros de princesa  
por um príncipe que uma tarde virou sapo  
em um mundo todo cheio de domingos  
e um dia de natal em cada mês.*

*Queria filmes sem nome, só imagem  
como um dia eu sonhei e foi assim  
e acordei jardineiro e bailarina  
equilibrista em corda de arco-íris  
e inventor de lendas de andorinhas.  
Sonhei que eu era um sonho que sonhava  
e me achei entre mago e maravilha  
semeando um céu de araras e de estrelas  
no fundo dos quintais onde há crianças.  
Me vesti de anjo e de andarilho.  
Desandei vida, cresci pulando muros  
escalei montes onde não havia a morte  
e aprendi a andar fora do trilho.*

## **O DIA DE SEMPRE**

### **objetos, pedaços**

*Por aqui a vida de Minas é nua e crua,  
sobre terrenos abertos na pele dos morros  
um dia verdes dos sertões de dentro  
e agora rasgados e polidos a fio de faca dos tratores  
e depois aplainados à custa de força e geometria:  
tabuleiros rasos e chãos de casas magras  
sem telhados e com os tijolos sem reboco.*

*Por aqui uma vida pobre se entrega avara  
e o casario que cobre o fio de terra roxa  
são remendos de pedaços ruins e sobras.  
Por aqui os jardins não existem ainda e nunca  
e nem há praças velhas onde o coreto reparte o sábado  
entre os passarinhos e as retretas.*

*Aqui as crianças aprendem a catar nos rios da chuva  
os restos do que sobrou em alguma casa acima.  
Catam o que desce a corrente rua abaixo e fazem disso  
os sonhos e os brinquedos das tardes e domingos:  
latas de cerveja viram carrinhos coloridos  
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.  
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo  
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.*

*Eis que os meninos das ruas empilham a pilhagem  
recolhida dos restos da vida e das enchentes.  
No barro macio da manhã constroem casas  
onde uma vida mais real pudesse ser pensada.  
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida  
sem os medos da vida dos sonhos de um menino.*

**Ibirité**



## ***nem pão, nem flor***

*Nada tenho que te dê:*

*nem pão nem flor.*

*E este agosto de um sertão ao longe*

*nos devolve, amiga, alguma dor:*

*a de havermos saído do silêncio*

*sem saber cantar a deus e à flor.*

*Mas se uma memória de ontem me devolve o mar*

*de onde eu vim, lá onde um dia eu fui nascido*

*não sei porque estas margaridas de julho*

*não floriram ainda, e nem porque*

*o que antes havia, ainda há agora e silencia.*

*Não sei, não somos e o silêncio sabe*

*sem ser no entanto nada, nunca e antes.*

*Lemos palavras que já outros escreveram*

*aqui, neste livro desenhado a mão de Jó.*

*E soletramos vogais, e bem sabemos*

*que a vida sempre foge de ser símbolo.*

*E fechado o livro, somos nós os que esquecemos*

*o que houve e quem foi agora, neste agosto.*

**seis canções de tempo e vento**  
*para Carlos Fernando , em Goiás*

**uma**

*nesse enredo  
o meu veleiro vai  
e a minha alma  
almeja o seu alento.  
então amanhece  
e a manhã cedo  
é o meu quinhão  
de brisa ao vento.  
ali me vou, amigo:  
vão e a passo vagaroso  
viajo, e embora tardo ando  
e sou o porto e a nave.  
e ao sofrimento oferto  
a vida de quem fui,  
e me acalento.*

## **duas**

*ali, quando eu havia  
velava o esquecimento.  
foi um fluir, um só e um vôo  
da viagem da volta da memória  
e o seu momento é sempre  
como o que vai do rio ao remo.  
agora rego as flores na janela  
e todo me envolvo de sereno.  
vestido de mim mesmo me soletro  
e ao acaso calo. calo e assim  
a fala de onde eu vim, esqueço  
e já não sei se sou,  
ou se o vento.*

**três**

*há uma água de espera:  
aqui é o vento!  
aqui é onde eu me ancoreo  
e o livramento do que busco  
no vão do lado escuro  
da vida – andante atento  
recorda de quem fui e quando,  
em cada trecho de mim  
e seu momento:  
maré de outono e orvalho  
e a flor dizendo como ao tempo  
a poeira na casa da palavra  
o segredo do sol em língua alheia  
e o cerco de mil armado à volta  
do sentido do ser do sentimento.*

## **quatro**

*do outono quando agosto  
plantei e me alimento.  
outrora havia a chuva  
o fruto e o vento.  
hoje, a manga amanhada  
entre os meus dentes  
e a saliva que eu cuspo  
com a semente  
são a minha obra: eu crio.  
são o barco e a quilha  
e a vela armada a meio vento.  
a vela que nele sopra e sente  
como à noite no rosto eu sinto o frio  
o movimento de meu corpo,  
esse amoroso do mal do amor,  
e mais o gosto que ficou  
do que, não feito ainda,  
é amargo e amarga a mente.*

**cinco**

*matéria de devoto.  
se há anjos saibam:  
aqui é onde entreteço  
este lamento  
e ao sagrado digo  
a sua ciência:  
a alma tem um corpo  
e nele vive e é bom,  
e de panos o reveste  
e mais de passos.  
vestido assim  
de linho e seda  
e uma rosa dos ventos  
no pescoço,  
ele é o meu mal  
e o meu desejo.  
solto ao sul dos tempos  
viaja este meu rosto,  
esse alvoroço que dela  
é o mar e o sentimento.*

## **seis**

*não há porque negar  
essa alma antiga.  
de nada eu tinha medo,  
nada ainda.  
e nem tinha esse olhar,  
esse olho atento.  
eu não tinha essa pressa  
e, de repente,  
essa vela a queimar  
acesa ao tempo.  
esse saber eu não tinha:  
sentinela minha, saibam,  
de quem espreita  
a solidão que chega  
e um sofrer que cedo  
vem com o vento.*

**Rio de Janeiro  
outono de 1987**

***ir***

*O meu tenso Argos, meu navio.  
Nos movemos de remo, grito e pressa.  
O mar é sem recursos, sem retorno  
e a aurora existe ao que amanhece.*



## ***vestir a espera***

*Com semente de açafrão e mel de amêndoa  
espero na sacada a quem eu quero.  
E se essa hora de anseio me visita  
com trajes de rei em seda e festa  
cubro de azul de medo e de arminho  
o ansioso olhar meu pela janela.*

*O vento me agasalha e venta ainda  
e eu já nem sei se sou ou sofro,  
e com o fogo da lareira acendo a vela  
e isto é pouco e tudo o que me resta.*

*Se a noite chega eu vejo o que não via  
e a espera pesa como a noite, amigo.  
Sentinela entre atento e inquieto  
espreito no ar o vôo de sua vinda  
e se afago em mim o chão da pele  
sinto no corpo o vazio da falta dela.*

## **Vicente Aleixandre**

*Não há façanha alguma nisto, vê.  
E nem o travo do vinho. E não ha nada.  
apenas o acontecer deixou seu traço:  
um risco no mapa, ou o calor sóbrio  
da mão que passeou pelo seu ombro  
e um sinal: o pé de Crusoé na areia.  
Então, o desejo de voltar, o amoroso  
ir-se e, além de si, embora e sempre ali.*

*Numa alameda florida como em feira  
aonde a ciência vã da retina em vão desmente  
e o olhar do haver desvela o azul da espera.  
Agora há um tom de quê, que em tudo entoa  
uma cantiga de cartilha de criança?*

*Pois o desejo é dor e é pouco mas é sempre  
e o corpo ressona, já que é corpo.  
É tarde e o frio acende a chaminé  
A noite nem caiu escura, e atenta  
a alma acorda e figura  
em pleno inverno, a primavera.*

**Irun**  
**1989**

## **Ulisses**

*Um mês antes de Ítaca*

*do mar me venho  
e viajando sou do medo.  
o acaso me navega e eu velo aceso  
e o alto não existe terra  
que da gávea da nave não aviste.  
vigio. vigio: é o meu ofício  
e de Órion sou. de Órion navegante  
e Ulisses foi meu nome. Ítaca  
a casa, dezessete anos eu esqueço  
e a cada dia adio o mal da espera.  
tiro do ouvido a cera e ouço:  
aqui é a vida. e se há perigo  
tremo: sou humano.  
velejo e isso é o meu desejo  
e sei de um reino onde nada  
nada existe. mas nele salto  
esmurro a porta e alto grito.  
depois, abro a carne de um corvo  
e leio a entranha: isso é sempre.  
Na beira de tudo eu tenho sede  
e o que não lembro vejo. E ao ser  
de mim aceno o sonho do perdido.  
um dia será assim: o arco e firo.  
Pouso na terra a lança, a cicatriz  
e a sangue escrevo isto: “venho!”  
mas por agora eu quero uma jangada  
e um longo mar sem praia e porto.*

**Florianópolis**

**1990**

## ***o mar o mato a vida***

*O avesso do mar  
é o mar ainda.  
E o cinza que a tarde  
pinta quando finda.*

*Nem azul nem verde  
nem claro nem limpo  
esse avesso é o triste  
do escuro que existe  
na noite. No azul-roxo  
que o seu pincel risca  
quando faz a escrita  
do amor quase infindo  
do querer envolvê-lo  
com um novelo azulíneo  
por baixo e por cima.*

*O avesso da vida  
é a vida ainda.  
Um lado é o outro  
e a ida, a vinda.*

***Itatiaia***

## **situações de sob e sobre**

### ***primeira***

*O espiral da espera  
acocorado à beira  
do poço da esperança  
olha e no fundo dele  
vê na água a sua face  
de velho e de criança.*

### ***segunda***

*Na beirada do poço da memória  
se entrevê embaixo a roca fiandeira  
do fio da linha d'água fluida  
que fia - no oco dos guardados  
do que a vida um dia foi e fez -  
ela mesma: fiada, acesa, havida.*

**terceira**

*os tardos traços  
da vivência:  
a tabuada de comos  
e porquês.  
a soma que começa  
de ás a jotas  
e termina  
de erres até zes.*

**Cidade de Goiás**

## ***a vontade do simples***

*A difícil tarefa  
da memória acesa  
é esquecer de tudo  
que não cabe à mesa  
de um jantar: a toalha  
as flores, o vaso, o par de velas  
e as pessoas convivas tardos  
da conversa que se assa  
cada noite entre o calor  
da sopa e a sobremesa.  
A própria sopa quente,  
a sua fumaça, o raro azeite  
a cerveja e o pão francês.*

*Além do mais, outros gestos  
e objetos singelos de beleza:  
o feijão-com-arroz, o copo de água,  
a goiabada cascão, o queijo  
e tudo o mais que nas festas  
de domingo em casa pobre  
cria momentos como agora  
entre o real e a realeza.*

***o poema caça***

*para Carlos Vogt, caçador*

*O poema é a vontade  
da armadilha da palavra.  
É quem a desvela e é  
a sua abracadabra.*

*Viva e nua a palavra sonha  
o livre ser sem regra e lema  
no balbucio selvagem da criança  
ou no baralho bom da fala solta  
que na cozinha se usa e na varanda,  
e escorre como o caldo da moenda.*

*Por isso a palavra é revolta  
à poesia e sempre que pode fica  
a sete metros do cerco do poema.  
Por isso a poesia é difícil,  
o poema se arma de laço e faca  
e sorrateiro sai à caça  
no rastro da toca da palavra.*

*O poeta sobe no arvoredos  
e a noite inteira passa à espreita  
do arredio rebanho da linguagem.  
Do bicho bravo de que  
Se a palavra é o mapa do lugar,  
o poema é a via e a viagem.*



## **sobre os dons**

*escritos do advento*

### **serenidade**

*o realejo da vida tem seus dias  
e algumas vezes pensamos voar deles  
a outros seres – não sei – a uma outra vida.  
o trem chegou na estação: “aqui eu fico.”  
mas não é ela, vida, somos nós, sou eu!  
me afino, toco a mão no pulso e espreito:  
a vida existe e sou se filho - e teço, e fio.*

### **perenidade**

*algumas vezes sobramos de nós mesmos  
e nem cabemos na casca vã no corpo:  
ele aperta e é justo como roupa de outro:  
um alguém morto sem rostos, sem saída.  
é quando então pensamos: “a alma existe!  
Pois o que é de nós que sobra, e assim...*

## **coragem**

*outras vezes somos o tronco da aroeira.  
a parte da planta ancorada no planeta.  
somos o chão da terra e a nau da seiva  
e isso é bom. mas em outras somos a aura  
acima da luz da copa do arvoredo, e ali  
estamos como um só, como um milheiro  
entre ela, a vida e o reino do infinito.*

## **harmonia**

*outras vezes somos as chave do segredo  
e corre em nós um rio de nau sem rumo.  
viemos de longe: um riacho na planície  
e desaguando um lago raso e fundo.  
mas às vezes somos como um hino  
de elfos e guerreiros à volta da fogueira  
(a noite passou e ainda estão lá).  
é quando algo de sal salta de nós:  
somos o fogo e a selva a arder lento  
e não há legião que em nós detenha  
o desejo de entreser a vida inteira.*

## **três escritos sobre trem em Minas**

### **primeiro trem**

*O maquinista pensa o trem. Ele não sabe  
que no subir a serra o trem não sobe.  
ele desenha no chão, ele rabisca  
com um sábio lento traço de pintor,  
o caminho por onde o trem se arrisca  
passar e pensar-se em cada ponte  
serra-acima assoprando o seu vapor.*

*O maquinista, tão useiro da rotina  
confia em que o trem sabe o seu rumo  
e experto de pensar o seu ofício  
não percebe que conduz um trem artista  
de quem é a mão e trabalha o seu ofício  
em tracejar o traçado de sua pista.*

*Em subir toda a tarde a serra em riste  
entre retas e curvas de pintura  
deste trem entre poeta e paisagista  
que a viagem viaja enquanto pinta.  
Como quem, feito o quadro embaixo assina  
o seu nome na paisagem: no trilho-traço  
do quadro que pintou este trem-tinta.*

## **segundo trem**

*No entanto, quando o mesmo trem  
se deixa descender entre serra e serrania  
no esquecer de seu peso, por desvãos  
de descidas entre voltas repentinas,  
ele descreve sem pintar outra paisagem  
que por pressa não cabe em tela ou tinta.*

*Então o trem ponteia, e quem dirige  
vai atento a que de sua cantoria  
não escape o trem da pauta-trilho  
nem componha o descer em descambar  
serra abaixo, em cantiga sem as pausas  
da regência do pensar do maquinista.*

*Pois na descida do trem, degraus abaixo  
não se reja o orquestrar em improviso,  
entre notas escorridas, mal cantadas  
no desafino de um trem fora dos trilhos:  
o trem e o seu o seu cantar de pressa e artista.*

## **terceiro trem**

*Pois o trem que vai por Minas  
não professa o menor projeto de chegar.  
Ele reza o seu rosário e vai por terras  
que sabe e não sabe, dão no mar.  
O trem de Minas se repensa e repentista  
reescreve o seu tema do pensar-se  
de vagar entre trilhos e ir por serras,  
dos caminhos do cerrado, do viajar.*

*Ele nunca pratica, trem mineiro,  
o custoso exercício de apontar  
em uma curva, na hora presumida  
em que se espera o trem e o seu vagar.  
Ou o outro exercício não-mineiro  
do apressar-se entre um ponto e outro porto  
enquanto cumpre a sina de alcançar  
a estação do povoado - o fim-da-linha  
no momento previsto de chegar.*

*Ele prolonga, vagaroso trem de Minas  
a mineira aventura de vagar  
entre serras de verde e pastos pensos  
sobre vilas de meio de caminho,  
as cidades do trem, de tão pequenas  
que só o vogar do trem pode alcançar.*

## ***navegar é preciso***

*Pois eu mesmo não sei por onde andava  
e ainda que andasse, pra onde eu ia?  
Vale mais certo andar ou andar incerto  
sem memória ao chegar de quem seria  
este igual andar de quem chegando  
descobre que sequer partiu ainda  
e mesmo que partisse não chegou  
a lugar algum da estrada finda?*

*Porque cheguei por onde eu sempre estive,  
viajante que me fui e partiu antes  
de me saber - eu mesmo - que saíra  
e que chegara acaso um dia enfim  
pelo mesmo lugar por onde andava  
até o mesmo lugar de onde eu vinha.*

**três poemas de tempos de espera**  
outro “tempo de Advento”

**um**

*A alma tem disso no Advento:  
Ela espera pelo anúncio de uma estrela  
e o murmúrio do choro de um menino.  
“Deus - diziam os antigos –  
é quem fica quando tudo foi embora”.  
Mas é muito para quem espera tanto  
e um deus que nasce bem pode ser assim.  
pois dele eu quero um toque pequenino  
do gesto com as mãos sem o milagre.  
E sem o brilho de uma estrela no Oriente,  
Quero os passos de três velhos no deserto.  
Quero um pouco de paz, um pouco, mas sem fim.  
E o bem do amor, como um pão que se reparte  
quando veio a noite e um fogo aceso  
reúne em volta seis homens que se abraçam  
e perguntam pelo nome, uns dos outros  
e semeiam pelo campo pés de amora  
e vão embora sem a espera de colher.*

**dois**

*É quando pensamos: a alma existe  
pois o que é de mim que há e sobra aqui?  
E perguntamos, como um dia em Isaías:  
vigia, vigia, o que é da noite?  
E ele lê e responde (você lembra?)  
A noite vem e vem também o dia!  
Quem esperar, espere! É advento  
e há um rio no Oriente e um deus,  
e um dia vai vir ali e beber água:  
e esse é o milagre. Este é o milagre.  
E ele vai dizer: benditos os mansos, os pequenos.  
e o resto são mitos, como Lázaro.*

**três**

*Às vezes somos os desejo do silêncio, e só.  
E então, quem canta em nós? Quem canta?  
Quem rumoreja esse hinário de cantigas?  
Esse desejo de cantar baixinho  
a um menino que nasceu na noite  
não sei se em Belém, ou se em meus sonhos?*



## **degreto**

*Estavam ali os objetos amorosos da noite: um óculos quebrado, um marcador de livros sem o livro, uma faca sem corte, um calendário de mil novecentos e quarenta, uma caneta vazia, uma régua até o número sete, um lápis sem a ponta. Estavam ali sobre a mesa, sobre o vidro da mesa e o fosco vidro escuro da memória. Estavam ali, como as asas sem uso de uma gaiivota galega morta de manhã, nas areias de uma praia deserta, de tanto voar sob as estrelas de maio em busca das terras do sul. Em busca de flores e esmeraldas. Estavam ali, como quem diz novenas depois da missa, usados e esquecidos e, no entanto, atentos. Generosos, como foram antes, quando eram novos e luziam nas estantes da sala. Não serviam a mais nada, pois o tempo passara e nem eram mais os anos quarenta. E como eram inúteis, eram também um totem e mediam o tempo melhor do que o relógio na parede. Eram banais e aos olhos dos donos nem valiam mais nada, mas eram sagrados como outrora a palavra “om”. Eram como um silêncio e eram como o prenúncio do poder dos deuses e do amor que vive ainda entre os dançarinos, os saltimbancos e os meninos.*

***Entre Assis e Milão, no trem  
em algum dia de 1986***

**sobre o poema**

*Um certo andar que sobra de seu corpo  
e que se ganha de sair, de se fugir  
pra onde volteiam como idéias, as areias  
do mais lento e linear cotidiano.*

*Pois essa terra de todos e ninguém  
a um só tempo o mapa e o seu caminho,  
por onde não chega sempre quem navega  
e nem desvela seu rosto quem tem pressa  
e quem não tem vagareia o seu poema.*

*E não queimam os pés essas areias,  
este lento passar, pensar de aranha  
espiral de envolver sobre si mesmo  
o tenso palmo do traço da caneta  
como em teia entretecida de palavras.  
Ou como a veia reflete, a tempo acesa  
as sete vezes da vida não vivida.*

## ***três pastores de areia***

*para Adélia Prado – em Minas  
depois de conversas sobre o fim do mundo*

### ***o primeiro***

*pastoreava seres de almanaque:  
um rebanho de carneiros e quimeras.  
e a nenhum lhe dava uso algum.  
criava a todos pelo só desejo arcano  
de vê-los soltos, errantes pelo pasto,  
a nuvem do cristal de seu agrado.  
Pastor de ovelhas e senhor do afeto  
multiplicava-se em cuidá-las a vigília  
e adormecia no seu sono do cuidado.  
chamava a cada um de um nome amigo  
e nomeando o amor, servia ao ofício  
de renascê-lo cada vez, a cada dia.*

**o segundo**

*plantava favas de um feijão amargo  
e dele nem aos porcos que tinha não servia.  
pelas flores que abriam cultivava  
alqueire e meio dessa planta brava.  
floriam de seis cores e as amava,  
arco-íris em setembro semeado  
e que aos ares de abril traziam odores  
de um perfume de arabescos e pomares.  
suas favas, repetia, eram fadas.  
comia milho e arroz de meio hectare  
e a melhor terra que tinha destinava  
a essa lavoura de cheiros de ternuras.*

## **o terceiro**

*criava burros, éguas e cavalos.  
não montava em nenhum e nem a carro  
que algum peso levasse os submetia.  
pastor infante, a pé pastoreava  
o seu rebanho alado de centauros.  
não corria. com milho e com poemas  
atraía a tropa possuída e não usada.  
eram seus filhos, dizia, a sua tribo.  
nunca vendeu um só, morriam todos  
de uma velhice serena, sossegada  
entre ventos do sul e a erva verde:  
inteiros, garanhões, machos e fêmeas  
de um tropel bravio e inesgotável.*

## **um velho em Brúnico**

*era um pouco depois de meio-dia.  
fazia frio e ao redor havia neve,  
mas o céu era azul e a tarde ardia  
de um sol sereno, cinzento e alpino.  
talvez por isso bocejou e disse  
a palavra “basta”, e havendo dito  
pensou que se morria, e era disto.  
o trem tardava na estação sozinha  
e se a morte (pensou) a tomaria.  
mas depois “não ainda, melhor viver”.  
ir embora era a idéia deste dia  
mas a vida vale mais, um pouco ainda,  
outro trago de vinho entre os amigos,  
a boca limpa no pano do punho da camisa  
o cigarro aceso e a cinza, a cinza  
como a torre infinda de um segundo.  
ou menos ainda do que isso, o sentir fresco  
o vento da Áustria pelo rosto  
como – faz tempo – no gesto do menino  
que corria entre trilhas, fantasias.  
“A vida vale mais”, pensou, “vale ainda”.  
a chegada do trem, a de um outro neto  
e a promessa de amor, cumprida enfim  
(a que inventou um dia um adivinho  
Na feira de verão em Dolbbiaco).  
“Melhor viver”, pensou, e entrou no bar,  
saudou dois ou três com um mesmo aceno  
e na mesa de sempre, na janela  
a vontade de morrer matou com vinho.*

**Brunico**

**1998**

## **ali no chão, o túmulo da moça**

*como à entrada ali  
em dezembro, ao frio do inverno  
a lápide é parte do piso no andar térreo,  
o passante passa às pressas, distraído  
e entretido entre murais de mármore  
caminha por cima, quando anda,  
de um corpo esquecido de mulher.  
moça medieval morta na véspera,  
flor que janeiro colheu depressa  
e fez adormecer como na fábula,  
para que sempre, e sem príncipe e beijo  
adormecida e deixada de uma vez  
até o soar das trombetas, ou depois.  
um frágil corpo de moça sobre quem  
o tempo sopra a pedra com ar de gelos  
e apaga o seu nome de menina  
deitada sob chão da sala escura  
da entrada uma casa antiga na esquina  
da via deglia Dogana Vecquia  
trinta-e-três.*

**Roma  
1985**

**sentado, a cabeça baixa**

*a morte cansa e passa  
e por isso a alguns os homens dão estátuas:  
corpos ativos a cavalo, a quimera do eterno  
para que os vivos ao passar vejam de perto  
a vida imóvel, no ar, e se imaginem imortais.  
mas a estátuas de Gandhi, colocaram os ingleses  
no centro de Tavistock Square, em Londres,  
um lugar calmo, creiam, entre prédios de arte.  
como apenas uma manta leve cobre o corpo  
de bronze escuro, este indiano sente frio.  
as pernas cruzadas com quem vai com a alma  
e os olhos baixos de quem conhece o caminho.  
ei-lo, deixado ali para que a paz tenha um corpo:  
sentado e só. sentado, a cabeça baixa.*

**Londres  
1989**



## **outonos cúmplices**

*para o Joel, em Goiás*

*A amizade mancha.  
ela marca o outro de uma cor igual  
pois entre amigos de um outro tempo lento  
há gestos cúmplices de mortes e afilhados.  
alguns partiram cedo – deixam nomes e a falta  
que algumas conversas na tarde rememoram  
entre copos de vinho e de silêncio.  
mas outros ficam e ao acaso se reúnem.  
e então há ritos entre a vela e a sopa quente.  
pois como viaja ao destino a alma dos mortos  
sem a mão de quem ajeita entre as flores  
um derradeiro nó na gravata de seda?  
há bodas de ouro e entre barbas ralas  
restos de sono e afeto deixados sobe a mesa.  
a amizade envelhece, usa bengalas de bambu,  
reaprende manias de almanaque e resmungo.  
o olhar do outro demora no rosto do amigo  
pois são as almas quem volta nele à casa.  
entre rugas as mãos afagam os ombros  
e os dois se amparam no meio da ladeira.*

**Petrignano di Assisi**

**1992**

## **OS OBJETOS DO DIA**

### ***como o brilho de um dia***

*Esqueceram de por  
esta estrela num saco  
e portanto no dia  
ela brilha no espaço.*

*E por isso ela aponta  
contra o sol o seu rastro,  
o risquinho de luz  
de sua mínima vela.*

*Esquecida de ser  
como as outras, estrela  
só à noite, ela brilha  
no espelho da tarde.*

*Como um corpo cansado  
mas ainda a serviço,  
essa estrela não gasta  
na manhã o seu viço,*

*e a virtude de ser  
como fiel sentinela  
convocado ao ofício  
de deixar-se à janela*

*e passar em vigília  
pelo dia e à espera  
de que a noite resolva  
apagar o seu brilho.*

**com as mãos em concha**

*o menino escuta a caixa da memória*

**um**

*Com as mão em concha  
o menino ouvia a noite.  
a noite imensa e feita à força  
de uma salva de sons em demasia.  
Mil ruídos congregados ao silêncio  
de seu lento escutar, como um assovio  
de seus anos, poucos,  
mas a som do vivido.  
Os silêncio da noite comovia  
este menino movido a escutar  
o exercício dos sonhos da lembrança  
renascida sob a concha do ouvido.  
Protegido do olvido, de olvidar.*

## **dois**

*Os guardados no bolso -  
partir, correr, saltar -  
o menino, ele tem onde esconder  
no bolso roto ou então  
nas mãos em concha  
o que buscou movido a escutar:  
pedras do rio, pequenos paus partidos,  
as coisas toscas, como um arco-e-flexa  
estendido na memória como ontem:  
as folhas secas e os bichinhos recolhidos  
de um pasto verde de seu país de sombras,  
o lugar onde escutar o ser do sonho.*

**três**

*Como dizer a palavra "estrela"?  
a que o menino sabe e não diz, mas sabe.  
Com as duas mãos em concha  
ele escuta a voz, o vozerio estranho  
perdido um dia e, entanto, agora  
reaceso na caixa da memória.*

*Dizendo baixinho três palavras  
ele relembra no oco do silêncio  
de algumas intocadas coisas simples:  
os seus passos, poços de água limpa  
um pássaro da cor de seu invento,  
o passar sobre o eco do passado  
e lá no fundo ouvir, como um relógio  
a mesma estória, a mesma, e repetida  
de tantas vezes ser a mesma vida.*

## **quatro**

*O menino sabia do horizonte.  
Conhecia o outro lado do silêncio.  
Olhava o sol e via a tarde finda,  
a cor da tarde-tinta, e um céu de areias  
com as mãos em concha o menino recolhia.*

*O menino olhava as mãos, olhava e via  
o desenho da sobra de outro dia,  
o mal vivido e já guardado na memória  
no canto claro dos cuidados por lembrar.  
Com as mãos em concha no ouvido  
o menino sozinho ouvia a tarde.  
O menino escutava: ouvia a vida.*

**cinco**

*O murmúrio do rio da aldeia  
o seu rumor, com as mãos em concha  
ele debruça na água o rosto, o medo  
do murmúrio do rio, por escutar.  
O menino remonta a um tempo vago  
a uma sobra de saber o já vivido?*

*O ponteio tocado e uma mesma nota repetida:  
canção de bolas, botões e botas rotas  
carrinhos de lixo, figuras de esquecer  
e uma aventura na sombra do caminho.  
Pequena estrada e conhecida, ele pensa,  
de pedrinhas, as que o menino recolhida  
e guardava no bolso, o bolso grande  
dos imensos tempos repassados  
dos traços nunca tardos da memória.*



## **seis**

*Saboreia o silêncio bom da tarde.  
De nenhuma outra como a tarde agora  
na beirada do rio e sobre pedras  
quando é de novo um outro sol e o dia.  
Com as mãos em concha e menino soletrava  
o barulho do mar de que ele não sabia  
e sonhava como um verde campo, e infindo.*

*Sozinho o menino guarda a paz  
de uma pouca parcela de si mesmo.  
O menino colhe a calma e faz um ramo  
de pequeninas coisas do passado,  
os guardados no bolso da memória:  
subir o morro, olhar no horizonte,  
imaginar um lugar mais longe ainda,  
e trepar entre altos galhos finos  
onde o que foi vida um dia  
agora é estória.*

**sete**

*Vivido do nunca esse menino  
ele apanha na rua sob a chuva  
os pequenos pedaços de seu ontem:  
lances, lembranças, um lenço branco e sujo,  
as pequeninas sobras da lembrança:  
o rio é o céu e azul se finda no horizonte  
por onde salta esse menino em sobre-salto  
no salteio de seus passo de entre-sonho.  
Onde ele cata com as duas mãos em concha  
a cuidadosa partida do pensar.  
Do poder saber-se em parte alguma  
onde o menino foi e volta agora,  
diversa e igual a sempre estar aqui.*

**Alajuela  
Costa Rica**

## **MÃO DE OBRA**

### **Zacatipa**

*um menino magro no México*

*O menino de Zacatipa  
o que não tem, disso come.  
Comida ou comido vê-se  
que a sua casa é sua fome.*

*A sua fome ou o que a fome  
deixou que, sobrando nele,  
seguisse de fome a outra:  
a pele e, por sobre, o pelo.*

*O menino de Zacatipa  
o que não tem, disso usa.  
Exemplo: lhe cobre a pele  
a pele mesma - sua fruta.*

*A sua fruta ou a casca  
a que menos cobre o corpo  
que lhe mede a coisa pouca  
do que será depois de morto.*

*O menino de Zacatipa  
o que não é, disso vive,  
ou nem vive e cruza a vida  
em sua trilha mais lisa.*

*A sua parte ou passagem  
onde o fundo é como a frente  
e sendo os dois um só lado,  
este acaba... de repente.*

**Pátzcuaro  
1966**

## **morto a caminho**

**um**

*passa pela morte a morte  
e pouco mais. sendo nela  
esse morto em barro feito passa  
como passam barco e vela.*

*não vela que acesa acende  
tal quando aberta a janela  
na casa escura do corpo  
a imagem clara da tela.*

*da vela de ser no barco  
o movimento que sai dela  
e nele faz o que a flor faz  
a uma laranja amarela.*

*dessa que o casco - vela  
é a parte acima da quilha  
e levando um morto, leva  
uma praia a outra ilha.*

*dessa que no barco atenta  
pouca coisa maravilha  
e que põe no sopro o rumo  
de seu caminho, sua trilha.*

*dessa que se hasteia - vela  
a mastro inteiro, e no corpo  
leva do morto o que é morte  
ao seu abrigo - o seu porto.*

## **dois**

*morreu a morte onde existe  
como de resto, no vento,  
o que sendo viagem faz  
o lado de sal da gente*

*pondo em pouso o corpo, a casca  
como quem repousa um pouco  
parece nem ter mais pressa  
de se por de pé de novo*

*mão se ouvindo grito, pensa  
quem o encontra, que morto  
ainda é vivo e adormece  
a casca apenas do corpo*

*vestido de calma e roupa  
parece que segue a gosto  
como quem, chegando cedo  
espera a barca no porto*

*sendo o corpo morto e solto  
sobre a espessura da estrada  
acaba virando um pouco  
da mesma coisa que a estrada*

*mas deixado o corpo morto  
sobre o meio do caminho  
acaba sendo a quem passa  
a indicação do caminho.*



## **três**

*como o sono de quem segue  
sobre a rede em que dormia  
mas a morte foi quem veio  
recolher a quem colhia*

*como o sono feito à sombra  
quando em fim de romaria  
mas aqui nem a morte acha  
conta, ganho ou serventia*

*parece minguada a perda  
se tão pouca vida havia  
mas sendo de planta a morte  
nem tão pouco restaria*

*não se vê sangue, se houvesse  
tanta morte não seria  
mas um pouco dele ao lado  
da causa dela diria*

*morrendo cedo e a caminho  
nem se crê no que fazia  
mas pelo calor da estrada  
é que a pele não esfria*

*fosse pano ou roupa rota  
concerto certo haveria  
mas nem fio de seda cerze  
tão desfeita geometria*

*enquanto se veste a morte  
do que nessa pele fia  
o homem que andava, anda  
por lugar que não sabia*

*pois morto este morto, morto  
inventa o que não previa  
e no chão deixado o corpo  
viagem nova inicia.*

**Pátzcuaro**  
**1966**

## **canta quando dança**

*o trabalho do pedreiro*

*quisera ver esta casa  
essa casa inteira, pronta  
quisera vê-la - essa barca  
no seu mar, em sua onda.*

*quisera vê-la - esta barca  
posta em seu rumo. ligeira  
como avião que navegue  
achados o porto e a estrela.*

*esse avião eu quisera  
vê-lo suspenso em si mesmo  
de seu trabalho fazendo  
o que faz com ave seja.*

*esse trabalho eu quisera  
sabê-lo pronto - o sinal  
de que em minha dança eu ergo  
uma cidade e o seu sal.*

**o pueblo e seu povo**

*seis imagens do México com palavras*

**Tzintzuntzan**

*o muro no campo*

*parece com pedra e acerta  
quem diz ser pedra e que sendo  
parece que veste o muro  
com pano que em pedra tece.*

*parece pano o que a pedra  
com a linha que fia, veste.  
parece, sendo ele pano  
a pedra com que parece.*

*parece esse pano à pedra  
e acerta quem ao longe pensa  
que a pano parece e, solta  
é vela que o vento tange.*

*parece essa pedra ao pano  
e acerta quem vindo perto  
encontra que o pano é pedra  
plantado onde a planta cresce.*

*parece esse pano à pedra  
que no chão deixada é planta  
e sendo planta não medra  
além do que sendo, assenta.*

*parece essa planta ao muro  
que plantado em campo cerca  
mais que separa esse pouco  
de planta que vela e guarda.*

*parece esse muro à planta  
que semente sendo é arbusto  
e que onde é plantado fica  
e onde fica não dá fruto*

*e se dá fruto, parece  
que a fruto é pedra e essa pedra  
parece com o que parece  
com fio de pedra: com pedra.*

**Pátzcuaro  
1966**

**Huecório**

*a pedra na pedra*

*como se fosse a pedra sobre a pedra  
e sobre a pedra ainda a pedra pura.  
como sendo empedra o campo  
e a casa, e em pedra o poço e o muro,  
em pedra a noite, a chuva e o vento  
que aqui chegam como pedra dura.  
como se fosse sobre a pedra a pedra  
e sendo em pedra a rua e em pedra a roca  
o que faz deste pueblo um povo em luta  
conta a pedra ou a seu lado - mas em pedra.  
em pedra feito e de pedra o feito mesmo  
de lutar com ela ou contra a pedra,  
e assim fazer de pedra a alma e a vida:  
juntar a pedra e em pedra erguer o muro  
quebrar a pedra e em pedra por o milho  
somar-se à pedra e em pedra por a vida.  
como se houvesse vida sob a pedra  
e ainda sobre a pedra a pedra pura.*

**Pátzcuaro**

**1966**

## **DIÁRIO DE CAMPO**

### **vôos a oeste**

*No tempo em que as coisas eram feitas para o homem  
os aviões voavam baixo e do alto se avistava a olho nu  
a repartição dos reinos dos seres do mundo:  
as matas que cercaram o homem milhões de eras  
e eram agora cercadas por ele e suas crias  
com sinais e marcas de territórios de conquista.*

*Aquele foi um tempo em que o homem e a terra  
estavam sempre em luta e se amavam muito.  
Muitos anos mais tarde, quando os aviões a oeste  
voavam roçando o topo dos morros  
era possível vislumbrar da janela  
os estragos do amor e os afagos da guerra  
que entre um e a outra sempre houve.*

*Pelo vão das nuvens, em vôo de vizinhos  
havia então sobre aqueles terrenos  
de alqueires de batalhas  
frutos de amor secando ao sol do mês de maio.*

**num vôo entre Minas e Goiás  
5 de agosto de 1980**

## **do alto sobre o cerrado**

*Há um duplo tapete de artesanão  
estendido ao vagar dos olhos  
de quem viaja ao pôr-do-sol  
sobre o cerrado em setembro.*

*O avião voa acima do cinza  
do bordado de linha feito a mão  
que o horizonte do sertão costura  
e a tarde colore entre mel e azul.*

*Uma colcha de ruas e avenidas  
que o mago das seis horas traça  
a lápis, retoca e depois tinge  
com o pincel rebelde do arco-íris.*

*Do branco de noivado ao verde-sonho,  
e do verde ao roxo escuro da quaresma,  
esse pintor da tarde tece a tela  
que do avião se avista da janela.*

*No chão da terra o olhar atento  
vê o tapete dos Barros dos Gerais  
que as chuvas de dezembro repintaram  
na paisagem que junho deixou ocre.*

*Entre montes pequenos e outros montes  
há por toda a parte ali sinais dos homens:  
campos de pastos e planuras de plantio  
que a altura do vôo torna sonhos.*



*Ali é uma arte humana quem colore  
a tela dos alqueires do planalto:  
o Havana escuro da fina geometria  
da escrita do arado sobre a terra*

*sob o molhar da chuva e do sereno  
que em tudo desvenda um tom mais denso:  
do verde escuro do milho quando adulto,  
ao amarelo-palha do seco fim da safra*

*e dessa cor que cobre o rosto do cerrado  
entre as águas do quase fim de março  
antes que ao campo dissolva o alaranjado  
do fogo das coivaras e de seus ventos.*

*A tudo a seu tempo o viajante assiste  
de um vôo à tarde sobre o reino do homem  
e seu costume ancestral, estranho e artista  
de plantar e pintar tudo o que existe.*

## **alguns fogos, algumas roças**

*Quando amonta na mula amansada do vento  
e viaja serra acima, do sopé à cumeeira  
o fio da coivara é uma linha fina  
de um tecido de algodão laranja  
que a brisa mansa do sudeste tece  
e a palha seca do cerrado empina.*

*Um fino fio carmim de fogo ralo  
noite após noite costurando a colcha  
de um arvoredado seco e ressecado  
que cobre encostas de serra e pedra  
por onde sobe a custo o fogo do alfaiate.*

*O oposto dele é o fogo de armadilhas  
que apronta o guerrilheiro seu irmão  
quando desce a serra entre matas e grotas  
e contra a espada dos capins do pasto  
aponta e atira facas de aço em brasa.*

*Cavaleiro que a onda de si mesmo  
à noite monta e na manhã cavalga ao vento,  
fogo-potro bravio a galope em disparada  
contra o verde e o seco do cerrado.  
Guerreiro irado com a sua foice erguida  
cortando a fogo os fios do mato vivo.*

**São José de Mossâmedes  
28 de dezembro de 1981**

## ***as flores aprendem com as pessoas***

*O ouro vivo dos ipês de agosto  
amanhece os matos de Mossâmedes.  
No trilho dos remansos da manhã  
a água fria do cristal dos córregos  
desceu a serra e fez descer em fila  
as flores que branqueiam os pequizeiros.  
Outros ipês do mato mais adiante  
pintam de roxo o piso do arvoredo.*

*Sob os troncos cerzidos no cerrado  
há tapetes estendidos com as seis cores  
que a natureza aprendeu a entretecer  
espiando das janelas os teares  
das casas das mulheres-fiandeiras.  
Quintais onde se fia tingem e tecem  
o tecido sem-fio dos fios alados  
que a cultura dos “sem-letra”  
fia e borda, escreve e depois assina.*

*Nessas roças de fazendas entre matos  
a natureza fia o que cultura tece  
e a memória das duas não esquece.  
De modo que entre campos e povoados  
há coberturas de copas e de colchas:  
flores de panos que as pessoas fazem  
e as plantas da floresta vêm e imitam,  
sob um claro de coivaras pelas serras  
entre o sol do dia e o luar de agosto.*

**São José de Mossâmedes  
29 de dezembro de 1982**

## ***três lições mineiras***

### ***de Minas***

*De Minas virá  
o verdor do vasto,  
do pasto que em Minas  
é verde e amanhece.  
E amanhece em Minas  
cada vez que a chuva  
visita novembro.*

*Cada vez que a noite  
arvora o sereno  
que o vento de Minas  
orvalha nos fundos  
dos cantos da sina  
de gentes e bichos.*

*De minas virá  
o sabor da terra  
e do vento que em Minas  
convive com a mina  
de ouro da orquestra  
de vales e vilas.*

*Convive, comparte  
e se afina em Minas  
até o tom fino  
de uma escala acima  
onde o vento inventa  
como o trem e o povo:  
caminhos. Caminhos.*

**em Minas**

*O que é de memória  
em Minas tinha  
guardado pelos potes e em moringas  
do barro fino que o tempo-oleiro  
misturava com água na gamela  
modelava na banca do quintal  
e queimava no forno da cozinha.*

*O que é de lembrar  
por Minas ia pelas eiras.  
por beiras, ocos e caminhos  
do traçado que a tropa viajeira  
tricotava entre vales e vielas,  
entre serras, sereno, noite adentro  
e entre as vilas que pela via havia.*

*O que é de saudade  
havia em Minas  
desenhado nos panos. Nos bordados  
do tecido que a vida-tecedeira  
fiava no claro da janela  
costurava com fio de roca velha  
e cerzia na mão de três meninas.*

## **com Minas**

*Com Minas se aprende  
um saber matreiro:  
carregar no bolso  
um toco de tudo.  
Se aprende com Minas  
a dizer o mundo:  
pensar trem pra coisa  
e uai pra susto.*

*Com Minas se aprende  
o saber do avulso:  
espreitar a vida  
de “cocra”, na curva.  
Se aprende com Minas  
de graça, sem custo  
que a vida que passa  
não passa nem assusta.*

*Com Minas se sabe:  
tudo vive, tudo volta  
e com a chuva que cai  
o que seca renasce.*

*Renasce e relembra  
(todo ano, toda a vida)  
que dezembro repõe  
até março, até junho  
o verde que a seca  
secou após julho.*

**Congonhas do Campo  
27 de junho de 1982**

**de um trem mineiro***(mais um)*

*Só um trem velejando noite adentro  
e entrecortando a manhã das estações  
divide a noite e a alma do mundo  
em pedaços medidos meio a meio  
entre os trilhos e a tropa dos vagões.*

*Só em rumos de trem vereda afora,  
viajantes do mar até o sertão,  
há vidraças abertas e há vigias  
dos mistérios do vento até as virtudes  
de viajar entre o rio e o coração.*

*A moldura do trem aberta invade  
as pautas do ponteiro dos Gerais.  
As aves piam, o trem escuta, um sol se esconde.  
Há uma curva depois de cada curva  
e outra curva depois de cada ponte  
e a noite é o que o trem inventa dela  
e xilografa no quadro da janela.*

*Há um pouco de trem em cada coisa  
que o viajante avista na vidraça.  
As imagens de há pouco são o que resta  
do que o trem risca e rabisca sob e sobre  
os alqueires do céu de cada terra  
por onde passam o trem e a sua festa.*

**entre Campinas e Uberlândia  
depois do Rio Grande – no trem**



## **poemas da Meseta Tarasca e do povo Purêpecha**

### **Um homem morto na polícia**

*notícia de conversa de dois viajantes no banco da frente*

*Não quero cantar um canto de heróis  
que eu nunca soube e nem dizer as palavras  
que não aprendi. E difícil ensaiar à hora da morte  
os versos não recitados na infância.  
Mais difícil é lembrar o arrazoado da prece  
quando foi pouco o tempo de amor pra crer sem medo.  
Até agora não fui coisa alguma de que um dia  
se pudesse fazer uma bandeira de três cores  
para levarem pelas ruas as crianças.*

*Nunca fui sequer alguém de quem  
ao menos se pudesse contar pelos bares  
uma pequena legenda de bairros pobres,  
um desses casos de vida que durante seis  
ou sete anos as velhas do lugar contam  
e recontam e juram que foi verdade  
e depois os netos esquecem para sempre.*

*Agora que um fino fio de meu sangue  
tinge o cordão dos meus sapatos  
e uma baba sem palavras de susto  
escorre e molha a minha barba suja,  
agora que eu morro sozinho e espancado  
sobre a poça de meu mijo frio  
quisera que ao menos o mijo e o sangue  
dissessem a quem me ouvisse gemer, da janela da rua,  
o que havia em mim escondido de humano.*

## **O menino que dorme**

*Dorme menino indiozinho  
no sacolejo mole desse trem.  
sonha um sonho lindo, menininho,  
um sonho de outro dia, noutra trem.  
um trem de ferro correndo  
sonho adentro  
por onde o sacolejo do caminho  
carregue você, menino índio,  
até num outro pueblo.  
um pueblito pequenino  
onde as cabras, os jumentos,  
os sapos, bois e gentes  
sejam felizes para sempre... amém.*

## **O sino de Santa Clara**

*Vila Escalante, antiga Santa Clara del Cobre*

*Os artesãos refundiram muitos dias de trabalho comum  
no sino de mil e cem quilos de puro cobre  
da igreja de Santa Clara da Vila Escalante.  
Para usar em casa e vender na feira de Pátzcuaro,  
quantos pratos e potes, candelabros, jarros, copos,  
pequenos sininhos de colar e outros objetos de adorno  
não fariam com o cobre que consumiram no sino da cidade?  
Quanto tempo do trabalho de muitos meninos e homens  
não terão jogado na soma de fundir o sino  
que muitos meses depois, no chão do adro da igreja,  
ainda espera quem saiba içá-lo até o campanário?  
Em que misterioso recanto do saber de todos  
esses homens tarascos a quem Don Vasco de Quiroga  
reensinou artes do cobre misturadas com o gosto da hóstia,  
sabem que não foi o sino o que fundiram  
pra que de uma noite em diante ele toque eternamente  
um sonoro canto piedoso entre os muros de pedra da cidade  
e os montes muito além do chão dos vivos e mortos  
do pueblo Purêpecha de Santa Clara del Cobre?*

*O trabalho comum de muitas mãos multiplicadas fez o sino.  
O ruído dos martelos ágeis, como um outro som de campanário,  
fez os seus nomes de todos os dias  
e lembrou à noite os nomes dos seus mortos,  
antigos artesãos, e cantou os nomes dos velhos da aldeia  
e os nomes de suas filhas de bronze e das mulheres.  
Como uma canção ritmada em muitos tambores de metal  
o trabalho solidário criou uma fala de versos numa língua antiga  
há muitos anos perdida da memória da voz.  
Uma língua que só o corpo silencioso acorda e faz cantar  
com palavras que de novo acendem no coração a história.  
Tocando a melodia das três notas do sino de Santa Clara  
a um Deus de outras terras que aprenderam a amar  
é para si próprios que tocam, pequenos homens anônimos:  
índios de beira de estrada,  
artesãos tarascos do caminho da serra.  
É para os deuses antigos de quem não lembram mais  
nem o rosto, nem o poder e nem o nome.  
É para a lembrança de outras gentes que viveram aqui  
o fio comprido da estação de suas vidas.  
Tocam no trabalho do cobre a música de sinos e martelos,  
que fazendo o sino maior da igreja de Santa Clara del Cobre,  
faz igualmente os símbolos através dos quais se irmanam:  
solidários homens pobres de um sonho silencioso e eterno.*

## **memória das velhas da tribo**

*mulheres de Tzintzuntzan*

*Como voltar aos quartos da memória?  
canções, cantigas, acalantos de ninar.  
Que imagens atrás da cortina dos olhos  
guardam essas velhas vestidas de preto?  
Essas índias feias, revestidas de pensar?  
Que cenas antigas de uma vida anterior  
subsistem vivas nos ocos saudade:  
dobras do rebozo, os guardados do bolso,  
um lenço de menina, um santinho padroeiro  
entre ervas de cheiro, os objetos caseiros  
e a luz da lamparina?  
Mais do que a uma história de mitos e heróis,  
nos dias de fina chuva fria do mês de maio  
a tribo inteira sonha regressar a cheiros da lenha do fogão  
que um dia houve o nunca mais saiu  
da cozinha que habita o coração.*

## **Potes de barro**

*Tzintzuntzan*

*Que a pintura dos potes e pratos rasos  
que as índias desenham nos barros cozidos  
da argila que buscam na beira do lago  
não pinte as imagens que os que compram  
trazem escondidas de suas terras ao Norte.  
Que nos pratos e potes que mãos de meninas  
fazem cheios de bichos e flores de pintura  
não se pinte para a venda da feira de sábado  
coisa alguma que não fale ao coração.  
As pessoas que fazem e as que compram,  
quando olharem as pinturas cozidas  
no forno do fundo dos quintais  
saibam que ali existem riscos da vida  
de uma história antiga, muito antiga,  
de que se lembram só os velhos e as panelas.*

## **os seres da manhã**

*Erongarícuaro*

*Na beira do lago, na beira do dia,  
Erongarícuaro mói o doce milho de seu maio.  
No campo os corvos espantam os espantalhos  
e na parede da igreja há o túmulo de uma mulher  
que morreu na cidade de Quiroga em 1884  
e morta quis voltar ao pueblo de onde era.  
Os vivos entram pela igreja com passos de veludo.  
Passam pelo túmulo da retirante  
com os olhos pregados no padroeiro,  
mas no meio da noite é a morta quem vela por todos  
e protege o pueblo de bruxas e fantasmas.  
Às onze horas da manhã um bando de carneiros  
cruza sem o menor perigo a rua da praça da cidade.  
Entre a praça e a igreja alguns meninos  
jogam com palavras indecifráveis  
um desconhecido jogo de bola e mistérios.  
No alto de duas árvores dessa manhã de preguiça  
uma assembléia de pardais canta em coro  
que é dia e a vida continua.*

## **as mulheres de Uricho, seus rebozos**

*Por mais que em julho seja quente  
na Meseta o sol mexicano do verão  
e por muito que queime o corpo à tarde  
um calor de aços nessas terras altas,  
as mulheres de Uricho não se afastam  
dos rebozos que usam, negros panos de lã  
presos nos ombros e soltos ao vento e à história,  
tal como as duas tranças de seus cabelos, negros  
e cortados por duas e mais duas finas linhas de um fio azul.  
Ora os colocam como os índios do lago,  
envolvendo a cabeça, o pescoço e os ombros  
e descendo o caminho entre o peito e as costas.  
Ora descobrem dele as cabeças e os rebozos  
carregam sem perigo tanto as coisas que levam à feira,  
quanto os filhos e filhas dos tarascos.*

*Sempre viajam junto ao corpo os rebozos  
essas mulheres da Meseta, porque mais do que o corpo,  
eles abrigam a memória da vida indígena de onde vêm.  
Por isso usam os panos negros que não vendem  
e vendem na feira os coloridos panos que não usam.  
Porque são uma nação sem bandeiras  
os povos indígenas de todo o Michoacán  
hasteiam no corpo das mulheres as duas cores da tribo.  
Bandeiras de negro e azul ao vento voando.*



## **o martelo agalopado**

*com Ariano Suassuna*

*O colosso de cabras e cavalos  
No convívio do cobre com o cangaço,  
Os ensaios dos magos do castelo  
E a farinha na cuia do alarido  
Dos invernos do povo, do amarelo  
Que no cano dos tiros é atirado  
Quando o susto da fome faz os fogos  
Dos cantares dos gritos do martelo.*

*Os cuidados de tê-los e cavá-los  
Com ferreiros e ferros, com os aços  
De artefatos de espadas e cutelos  
E o afiado das facas, o retinido  
Das mortes que eu escuto, vejo e velo  
Nas carreiras da vida e do pensado  
Entre os verdes das almas e os seus mofos  
Nos espantos dos golpes do martelo,*

*O que arrasa lá montes e, cá, valos  
A poder de seus feitos e meus faços.  
Os anseios dos reis, os seus anelos  
Por reinados malditos, malferidos.  
Seus temores do tempo e seu novelo  
Nos repentinos do povo revoltado,  
Revirando dos remos seus estofos  
Nos acessos dos braços do martelo.*

**Olinda**

**seca/cheia***dois rios do norte*

*No espelho da seca o Itacaiúnas  
monta castelos de pedra. Pontes  
que o passante cauteloso atravessa  
de um lado ao outro do rio a pé.*

*O Tocantins arranca do seu leito  
roçados de quintais de areia,  
um outro rio ao lado criando praias  
que junto ao rio correm até a cheia.*

*Em setembro se veste o Itacaiúnas  
de um manso rio de lavadeiras.  
Os meninos tratam o rio como riacho,  
como um irmão, um igual de cama e mesa.*

*Maior, o Tocantins, mas por isso  
faz as lonjuras do oceano que ele esconde  
até quando, depois das águas de janeiro,  
encosta o corpo no pilar das pontes.*

*Sobem juntos os dois rios na cheia.  
A tudo inundam de águas e refazem  
ilhas do que era há pouco continente  
e das ilhas, jazigos de ave e gentes.*

*Marabá entre os dois afina ainda  
a fina língua de terra de que é.  
E do que sobra sobre a água junta  
seus vivos: os seus salvos da maré,*

*uma gente do Sul do Pará, acostumada  
a existir entre os rostos opostos dos dois rios:  
os tempos de marido-e-mulher e cheia-e-seca  
que água e areia tecem com os seus fios.*

**Marabá**  
**beiras do Itacaiúnas e do Tocantins**

## **meninos catam mangas a pedradas**

*Setembro amadurece mangas em Marabá  
mas a fome dos meninos vem de maio.  
por isso têm pressa e se armam de pedras.  
Desde seis horas da manhã eles acordam  
o dia a pedradas — tiros de estilingue  
que varam a copa das mangueiras  
e se não topam com os muros de uma manga  
poderiam varar folhagens do infinito  
e derrubar a ponta do clarão da Estrela d'Alva.*

*A fome da seca fora de hora faz somas  
com a fome diária da miséria rotineira.  
Por isso os meninos a quem ela assusta  
esperam dezembro com as alegrinhas  
de festinhas roceiras de Natal.*

*Então os viventes mirrados de beira rio  
se banham nos vaus de antes das enchentes,  
viajam nos mundos de entre um rio e outro,  
catam bichos, mangas e mangabas,  
os mil recursos das matas lá do Norte.*

*Mais adiante ajudam pais a colher na roça  
braçadas de mãos de milho verde.  
Por toda a parte há prenúncios do episódio  
de quando o sol madura frutos e grãos  
e a fome faz tréguas de Ano Novo  
com os migrantes dos matos do sertão.*

**Marabá**

## **Gringo**

*em Conceição do Araguaia*

*Ninguém imagina que Gringo  
seja o nome de um lavrador do Norte.  
Um militante da luta  
dos posseiros enlevados de armas  
e bandeiras no Sul do Pará.  
Mas também ninguém espera  
que um mestre de todos como ele  
pudesse morrer um dia  
em Araguaína, no sertão de Goiás,  
(onde as praias do rio são sem fim  
e as brancas areias são claras)  
com duas balas semeadas  
nos sulcos do vão das costas.  
Morrer sem tempo de não ver sequer  
a cara dos jagunços, peões pagos  
com a sobra dos ganhos dos negócios  
que matam homens e semeiam bois.*

**São Félix do Araguaia – Mato Grosso**

## **o ofício de plantar**

*Todos os outros ofícios dos milênios  
mesclam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos  
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:  
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.  
Só o teu ofício mistura à terra a própria terra  
e atira nela o grão vivo que morre e renasce  
em multiplicações do próprio fruto.*

*Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,  
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte  
que transformam entre fornos e bigornas dos senhores da terra  
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano  
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.  
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio  
do orvalho e do trabalho é terrível,  
porque a vida persegue os poderes e as armas  
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.*

*Por isto fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.  
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo  
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.  
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.  
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti,  
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes:  
um exilado outra vez expulso da terra que trabalhas.*

**24 de janeiro de 1982**  
**Santa Luzia – Goiás**

## **voltar do trabalho**

*Exilados da luz do dia - já é noite  
e o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono -  
de novo juntos na margem esquerda da estrada  
os camponeses de junho refazem o mapa de volta.  
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros  
o bastão da enxada que na ponta pendura  
a cabaça vazia da água, pequena primavera no dia de trabalho.  
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo  
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar  
descansa o dorso da curvatura a que obriga o de carpir.*

*Os mais ágeis livram os dedos  
e com os artefatos dos primeiros caipiras  
fazem pelo caminho a arquitetura sábia, mais que a álgebra,  
de um cigarro de fumo goiano e palha de milho.  
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos  
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras  
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés  
a música dos cantos de voltar. Viageiros do outono.*

**São José de Mossâmedes**

## **festas de colheita**

*Rasguei o calendário. Não sou homem que conte os dias  
do campo correndo com a ponta dos dedos a fila dos números.  
Olho as estrelas. A variação da luz do cosmos  
e a posição de alguns astros na nave do céu  
me diz a era dos meses. Meu tempo são as estações.  
Sou um homem do semeio e do lavourar.  
Duas vezes por ano chego à janela e digo aos da aldeia:  
celebrai aos ventos as vinhas de outubro!  
preparai o corte dos instrumentos de ceifar!  
Celebrai - digo, as chuvas do verão e os frios do inverno!*

*A cada tempo a sua festa, mesmo quando há fome.  
Há um tempo de vesti-las de lã e aconchegá-las  
junto ao fogo. Do mesmo modo - digo aos da aldeia:  
com os mesmos gestos rituais não se pode celebrar  
o tempo em que sobre a pele do solo se ara o chão  
e aquele em que a ceifadeira corta o caule do arroz.*

*Não há mês como abril, digo aos que colhem.  
As colheitas passaram e findou o tempo da quaresma.  
Celebrai, grito da janela, os cereais de março!  
Olhai os campos de pastagem! Vede os capins!  
Antes de serem todos os anos, desde o começo dos tempos,  
ao sol de maio e aos frios de julho secos e queimados  
o que há de mais belo do que a sua floração?  
Que roseiras sacodem no jardim dos ricos flores mais finas?  
Celebrai, digo aos que colhem  
as sementes que eles jogam pelo chão!*

**14 de junho de 1979**



## **os brincos**

*A alegoria das coisas em que cremos  
pende dos brincos por causa de quem  
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.  
Quando é maio, com o dinheiro da venda dos bens da terra  
compramos colares, cruzes e brincos de ouro,  
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,  
sinais dourados esculpidos com pedras, rubis de brilho  
na carne magra das mulheres do povoado.*

*Pela mesma razão penduramos também na parede de adobe  
pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos  
e barreada de amor polido ao sol, e que cobrimos com capim  
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.  
Caros quadros comprados em domingos de romarias.  
Ali colocamos o retrato dos vivos e o dos mortos:  
os antepassados, seus filhos e os seus netos.  
Da parede nossa gente nos olha  
sagrada como os santos e deuses  
dependurados por igual entre os nomes da família.*

*Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns  
que ali ficam por gerações de anos e anos.  
Figuras ao vento nessas terras onde as bandeiras que há  
são as que viajam em janeiro e viajam em maio  
à frente dos tropéis de foliões de Reis e do Divino.  
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadro da memória.  
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:  
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,  
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.*

*Não somos como os ricos que comem á volta de mesas  
e ali colocam velas e grandes jarros com flores.  
Comemos em pratos de alumínio.  
Catamos com os dedos nas panelas de barro  
as porções da safra dos almoços,  
e acocorados à volta do fogão comemos na cozinha.*

*Flores que colhemos no campo à volta do trabalho,  
ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro  
com as ervas antigas de onde tiramos a saúde,  
colocamos em pequenos vasos de porcelana barata  
debaixo do retrato dos ancestrais.  
A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes  
que as filhas colhem para os santos e os mortos,  
seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais.  
Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa,  
com os chapéus de domingo que tinham na cabeça  
e os olhos pregados na janela de tampos de madeira.  
Vivos. Vivos tanto quanto nós.*

**5 de dezembro de 1981**

## **a idade do ouro**

*O sol de outro dia molhado das águas de leste  
ilumina a fila de passos que fizemos a meio caminho  
e longe, tanto que o grito da esposa à porta do rancho  
não alcança o lugar onde trabalhamos a terra.  
Em nome de que ser devemos portanto  
repetir três vezes por dia o dever da oração?*

*Houve um tempo em que o arfar do peito de nossa gente  
era o primeiro sinal do amanhecer.  
Eles, os encontrareis semeados pelo campo  
com cruces de aroeira a um palmo do lugar da cabeça.  
Vinha o iluminador de outro dia molhado da chuva de março  
e os achava no eito, os velhos da raça de quem somos.  
Somos uma gente digna, pois os homens e alguns deuses  
- até mesmo os dados aos prazeres e ao vinho -  
anunciam que o amanhã da terra é a dignidade do homem,  
e os símbolos e do que fazemos com a terra  
são temas de lendas e parábolas.*

*No entanto comemos em pratos de alumínio barato  
e as gerações que temos amassam com os pés nus  
a lama dos quintais, lugares de alquimias da vida.  
E somos mais do que os dos sábios  
que comem do que colhemos e se fartam,  
e em troca nos ofertam estranhos pós e poções  
que mesmo entre preces tememos tomar.  
As florestas que resistiam às primeiras caravanas  
nós as derrubamos com machados e grandes fogos.  
Suas linhas de ferreiros e bigornas dias e noites clareavam  
os serões de agosto a outubro, todo ano.*

*A selva era submetida ao temor da cultura  
e reduzida às cinzas que a chuva fazia serem  
a cada outubro o adubo da germinação da terra.  
Chamas da terra convertidas em verde.  
Os ossos da floresta reduzidos ao pó  
que misturamos com a semente dos cereais  
e com o trabalho com que transformamos um punhado  
em grãos incontáveis dos sinais da vida.*

*Multiplicadas as notas de nosso padecer de povo pobre,  
tornamos ritos de mortos algumas antigas canções de bodas  
que tínhamos e gostávamos de ter, e que por muitos anos  
foram toques alegres entre palmas e passos de sapateios.  
Hoje são passos descalços dos que seguem emudecidos  
a fila do cortejo dos mortos silenciosos e dormentes  
em redes brancas de panos de algodão  
e antes do outono recolhidos à mansão dos que se foram.*

*De uma geração à outra, como a poeira do chão  
que o passar do tempo torna estéril,  
contamos maiores os números dos nossos males:  
nós, os homens ingênuos do amanhã da terra.  
A primavera de uma era perdida, anterior à moeda.  
E primeiro foi o tempo ancestral dos seres nus  
que não plantavam nem colhiam, e dos claros das matas  
catavam frutas doces, mel e raízes boas para comer e curar.  
Os que bebiam águas cristalinas de verdes rios sem donos.*

*Aquele foi o tempo de partilhar os dons da vida  
e conviver com vigílias de bichos e de deuses.  
Tudo eram forças do universo cheias de nomes e sinais  
a quem a cada manhã os homens criavam outros nomes  
e a cada estação renasciam transformados em flores e em grãos.*

*A pulsação da terra os nossos ancestrais sentiam  
pondo o oco da mão direita sobre o coração.  
A variação dos tempos: secas e chuvas, verões e primaveras,  
eles adivinhavam acariciando o veludo da pele das crianças,  
ou olhando o sinal do cosmos, entre as estrelas da noite,  
ou dentro do brilho do céu dos olhos de um alguém amado.  
As estações do ano existiam na alma do homem  
e os seus corpos vibravam em comum com a tempestade  
ou com noites em que a brisa mal move uma folha.  
Colocar no corpo das mulheres fluídos brancos de vida  
era tão diário quanto encher de água limpa  
a concha das mãos e beber. E era tão sagrado.*

*Foi um tempo anterior ao arado  
e os ritos dos moços celebravam formas de vida  
que corriam livres entre as veias da tribo dos homens que fomos  
e de agora não há mais do que sinais em grutas e entre montes.  
Sinais de uma memória que de acordo com os sonhos  
que vêm aos velhos da aldeia  
nos lembram que viram e, assim, existem.*

*Depois foi o tempo de aprender a lavrar os campos.  
E primeiro a terra foi de todos, os campos sem cercas  
e as roças sem nomes. Os tipos de gados que tivemos  
corriam livres entre terras em busca de aguadas.  
Longe alguém bradava uma palavra, duas  
de mesma crença comum, e se ouvia,  
e de casa em casa ela ia viajeira do vento.*

*Os homens eram diversos e iguais  
e tinham em suas mãos os mesmos sulcos  
que a enxada faz e a terra tinge.  
E entre eles casavam filhos e filhas,  
pois todos sabiam os passos das mesmas danças.*

*Os senhores existiam longe, em terras  
cujos mapas sequer sabíamos pronunciar.  
Eram raros os comércios com os maus  
e por isso se podia pensar que a Terra era plana e parada no ar.  
E por isso por toda a parte se sabia crer que os mortos  
voltariam um dia ao mundo e seriam crianças como foram.*

*Essa foi uma era perdida, primeiro dos dias,  
depois, da memória dos homens.  
Sobraram alguns mitos e ritos  
que às vezes contamos e festejamos em noites de junho.*

**Ouro Preto  
18 de janeiro de 1980**

## **nomes, mortes**

*Muitas mortes há.*

*E o doce manto da noite estendido sobre os fogos do dia*

*Nem sempre esconde dela no escuro as nossas casas.*

*A algumas podemos resistir com o ofício ancestral*

*e nossas armas naturais: arados, foices e violas.*

*São esses os nomes das mortes da fome que quando somos livres  
não resistem seis dias ao poder do trabalho e da terra.*

*Essas mortes queimamos aos sábados em fornos de barro  
de onde as mulheres retiram tabuleiros de pão.*

*Muitas mortes há.*

*E mesmo a brisa na madrugada, a que dobra tênue*

*o tecido da noite nas as espalha pelos ermos campos.*

*Para outras são exigidos os usos dos terços e rosários  
que as velhas da aldeia desfiam entre os dedos.*

*Preces que fazem a seres que não vemos,*

*mas que estão lá, porque as velhas que sabem dizem que estão.*

*Outras não enfrentam o poder dos magos que temos,*

*Homens que dançam e a quem obedecem as estrelas.*

*Os que salvam dos terrores do oculto as tribos de quem somos.*

*Muitas mortes há.*

*E até o sol que desvela os poderes de fogo aceso*

*e os nomes de inverno dos seres do mundo não as decifra.*

*Porque há mortes com um nome desconhecido.*

*Mortes com o nome oculto dos segredos que os sábios  
que temos nos contaram sob o clarão de Sírius.*

*Por isso essas mortes nos matam*

*e pelos cantos da aldeia cercam os nossos filhos.*

*São mortes que chegam de fora, e aterrados perguntamos:  
como domar os poderes do que não sabemos nomear?*

**Cidade de Goiás**

**13 de fevereiro de 1979**

## **capelinhas de estrada**

*Aos que morreram mortes brutas,  
nas estradas sob carros  
ou nas praias sob ondas,  
os chilenos erigem pequenas capelas  
de tijolo e cimento com dois palmos de altura.  
Capelas com cinzas de cimento pintadas a cal,  
pombas de um denso algodão pousadas no chão.  
O nome e a data escritos, para que saibam  
quem morreu, partiu e quando.*

*Na estrada que sobe os Andes  
pelas brechas de terra que abriu o rio Maipo  
eu vi os sinais dessas capelas  
e, numa delas, uma mulher vestida de negros  
trocava as flores de uma pequena  
tumba das esquinas da memória.  
A saudade amarga dos vivos pelos mortos  
para que entre si se digam que se amam  
antes e até depois da morte.*

**na praia de Punta de Tralca,**



## **diante do mar furioso**

*Defronte dos rugidos pontuais do Pacífico  
sobre pequenos rochedos onde jamais cheguem as ondas,  
havia dentro de uma capela cinco latas de cerveja,  
cada uma com o seu ramallete de flores.*

*Florezinhas deixadas num gesto de sábado  
nessas terras do sul do mundo, onde o vento  
dobra árvores e muros dos homens.*

*Jardins de gestos de amor no deserto  
da manhã de segunda sobre a praia brava  
de Punta de Tralca, onde andamos entre as horas,  
apenas eu e um bando de gaiivotas do mar.*

**Punta de Tralca**

## **trabalhadores do mar**

*Sentado sobre uma pedra um calceteiro  
entre Punta de Tralca e Isla Negra  
martelava com paus e ferros  
e a sua roupa de bronzes,  
e arrancava da pedra outras pedras.  
Da pedra marinha, mineral que as águas do Pacífico  
gastavam com lixas de algas e águas frias  
saía o homem que com golpes de geômetra  
empilhava unidades iguais de pedras úteis  
aos pisos, aos passos e aos assentos.  
Era um dia de cinzas e o vento do sul  
dispunha na palheta e misturava:  
nuvens, maresias, areias  
e a alma do homem sozinho a martelar.*

**Punta de Tralca  
caminho de Isla Negra**

## **Pablo Neruda**

### *1. sinais pela areia*

*Pequenos são os riscos que fazemos na casca do planeta.  
Os homens deixam e os povos de passagem  
apenas breves marcas na pedra, na madeira.  
Mas elas são o nosso nome, a nossa alma.  
Os humanos precisam de ritos e de mitos  
e quando dos mapas das festas que fazem  
somem uma lenda e a sua dança  
é porque os magos e artistas da tribo criaram outras:  
falas que os homens contam  
as mulheres cantam e as moças dançam.*

*Mas sobretudo precisamos de pessoas,  
seres generosos de carne e sal como nós  
em nome de quem gravar sinais na pedra e na madeira.  
Pronunciar uns aos outros o seu nome sonoro  
e entre sílabas marinhas, como em Ne-ru-da  
nos sentirmos irmãos, grandes e solidários.*

*Pessoas como nós, apenas mais densas e cristalinas  
sobre cujas cabeças não se haverá de enfiar coroas  
e nem outro qualquer anúncio de poder terreno.  
Os que calcem como nós sapatos baratos, viagem de trem  
e no escuro da noite mijem num muro de esquina.  
Os que carregam apertados contra o corpo  
gestos de dor e mais os objetos cotidianos  
que são a maravilha da espécie de que somos:  
ramos de flores, jornais dobrados, livros e planetários.  
Homens que sem perder o olhar da causa comum do homem,  
E que mesmo de dia tenham a cabeça erguida  
em busca das estrelas.*

## 2. a casa na ilha

*Era o fim de uma tarde escura de outono  
quando aportei, vindo da praia de Isla Negra,  
no cais do portão de tua casa, pequeno porto  
ancorado diante do furor do Oceano Pacífico.  
Agora não era mais preciso imaginar o vôo das gaivotas,  
aladas amigas mensageiras do mundo e do mar,  
viajantes como folhas de papel escrito,  
gaivotas do poema dos mares que entre os homens há.*

*E não era mais preciso figurar por detrás dos olhos  
o combate do mar contra as pedras do Chile,  
rumoroso toque de tambores do planeta  
que durante alguns anos marcou o teu ritmo de versos.  
Nem era mais preciso, guerreiro e Quixote  
de lança em riste, de poema à vista,  
imaginar, atrás dos livros, como um profeta  
não desiste de crer que também a palavra e a beleza  
derrubam os tiranos dos seus tronos.*

*Tudo estava lá: o vento e o mar, o vôo das aves marinhas,  
o emaranhado na areia de conchas de mariscos e moluscos,  
a fúria das ondas do mar e o modo sereno de serem  
as gentes pobres da costa das águas do Chile.  
Lá estavam as coisas do mundo, ecos de teu verso, companheiro,  
outubros de flores e palavras: primavera.  
Mas também os sinais de que a fala do poeta existe em luta  
porque todos os dias nasce dos seres da matéria e da vida:  
conchas, vôos de aves, mártires, araucárias, mineiros do norte,  
flores de março, salitreiros e índios, escaravelhos,  
povos da terra, bandos em luta, irmãos do sal e da história.*

*Quantos sinais guarda uma casa escondida  
Entre as areias, os pinheiros e o mar?  
Não foi difícil descobri-la entre as outras,  
porque não havia um pedaço do muro de estacas de araucárias  
que não tivesse a marca dos escritos de alguém:  
os chilenos sobreviventes do massacre, os que vieram depois,  
os que não querem esquecer um dia sequer  
o escuro da noite maldita que caiu sobre o Chile*

### *3. marcas no muro*

*E como no quase fim de luz do fim da tarde  
não houvesse por perto um passante e nem um cachorro,  
e como o silêncio fosse para que eu ouvisse não vozes  
mas o próprio som de meus passos entre os teus objetos do dia,  
busquei um último pedaço limpo da madeira do muro  
e com a mesma caneta com que antes escrevera  
notas e poemas no Chile  
escrevi, como os outros, e eram tantos: Neruda Vive!*

***Isla Negra/Temuco***

## **chão mineiro**

*algumas igrejas e uma festa  
em Ouro Preto e Mariana*

### **Igreja de Nossa Senhora da Conceição**

*O olhar de um quadro; uma cena de sobre o altar.*

*Que rara e misteriosa mulher que sob os pés nus esmaga a serpente, mas à noite chora, chora o filho perdido, veio a ser ornada aqui de rendas, de fios de ouro e veludos? Ao que se sabe, uma judia coberta de lãs de tear e que nas manhãs de maio bebia o leite das cabras e bailava com os moços de areias quentes e numa noite de inverno pariu sobre palhas um homem com a sina e dois ou três sinais de um deus.*

*Pois como poderia sugerir essa pastora de olhos baixos diante dos juízes, aos ricos e aos nobres de Vila Rica, levantarem no chão de Minas, com a arquitetura dos sábios de além mar e a mão coletiva dos escravos, uma igreja assim tão grande e tão difícil, para abrigar o corpo e a culpa dos homens? Por que tantas paredes e por que tão grossas de uma taipa que nem o tempo rói e nem o vento? Por que esses arabescos revestidos de brilhos e sóis e essas imagens de tantos santos sérios trajados a barro e tinta com as vestes que em vida os homens que eles foram não vestiram jamais? Por que esse museu de raros objetos solenes escondidos a chave em cofres escuros e lavrados de um inútil ouro puro que o tempo à espreita ainda não consumiu? Sentinelas de que temor de gerações de aflitos esses lugares e artefatos foram? Símbolos de que antiga espécie de fé e casa de que preces? De que cantos? Para que gravar na pedra esses múltiplos nomes de Maria, se no alto do portal do templo o escudo e a coroa servem – sinais do Reino – aos senhores da terra?*

*Senhores de servos sem nomes que fizeram um dia o adro e as torres, o sino e o sacrário. Poderes com que os homens, como deuses, criam deuses e lhes dão em Minas nomes e igrejas.*

## **igreja de Santa Ifigênia**

*Deixaram os brancos que os negros levantassem no morro mais alto da vila o seu templo. Povos outrora acostumados a lidar com seres de Olorum e almas em matas e montes, sob a luz do sol nos corpos e mais a espada de Oxossi. Morada de espíritos inumeráveis no tempo dos livres.*

*Pois com as sobras dos dias de outonos em um tempo de dores e feriados seguidos o espírito dos negros sonhava ser de novo livre enquanto erguia no chão uma igreja de pedra: uma casa revestida por dentro de madeiras e paredes brancas e flores, onde os negros devotos fingiam pensar que amavam um deus de senhores longínquos. Um ser de barba branca e cabelos lisos que um dia viria salvá-los da morte e dos brancos. Nos altos de Santa Ifigênia eles trabalharam treze anos sem fim para que um dia, então, entre ritos de missas e incensos fizessem baixar, invisíveis aos outros, milícias de seres e deuses de outras línguas.*

*Vestidos com inveja de sedas e arminhos e falando com um deus entre murmúrios, os senhores da vila nada viam e calavam.*

*Mas entre as estátuas alheias dos santos, ei-los, seres da selva que chegavam, vinham e bailavam no corpo dos escravos imóveis, contritos. Seres vivos e nus, cobertos de tintas e de palhas, deuses dançantes: axés, amantes e orixás cujos nomes, impronunciáveis em latim, luziam em rostos que, escuros, brilhavam. Brilhavam no torso dos corpos que os negros contritos escondiam nos cantos ocultos dos bailes da alma.*

## **igreja de Nossa Senhora das Dores**

*Olhai, viajante as igrejas voltadas a leste de Vila Rica!  
A qual visitante atrairá essa mínima casa de rezas; essa  
capela-igreja que aprendeu a fugir do barroco e do  
arabesco de visões e curvas que alonga nele o ofício da  
parede?*

*Porque a um canto e embaixo, pouparam aqui ao portal,  
aos azulejos e ao sagrado os sinais malqueridos do poder.  
Pois aqui não há cetros, nem coroas e nem emblemas e  
tronos. De um barro barato com que as velhas fazem no  
fundo dos terreiros os potes e as panelas, há na parede da  
entrada à luz do sol um coração de mulher com um punhal  
a meio atravessado. Não há lá dentro as cores do ouro e  
do arco-íris, e nem o que nas outras igrejas da vila e de  
congonghas criou a seu tempo a mão direita do Aleijadinho.  
Há paredes lisas e brancas, entalhes de artefatos da roça,  
furos e tijolos e um azul de cal e de oratório como nos  
ranchos mineiros de arraial. Acaso existe em Minas algum  
deus piedoso? Alguém que “vindo” visite os homens e sua  
arte? Se há é aqui onde ele dorme, quando vem dos céus e  
matos onde mora.*



## **festa de Santa Cruz**

*Vindo de longe em carro rápido em busca de outras minas, “o que não de ser?” perguntaria o passante, aqueles clarões de fogos no meio da noite? E que ruídos no morrer da tarde acendem lembranças de povoados e vontades travessas de olhar de novo o mundo e o corpo das fêmeas do alto de um terraço?*

*Ontem havia festa de Santa Cruz no lugar em Ouro Preto chamado Ponte da Barra. Que rojões sobem, rasgam o véu do céu e silvam no que em outras noites é o silêncio? As pessoas do bairro e de longe com trajes de feriado e gestos de sábado, as bandeirolas de quatro cores e um certo ar cúmplice de quem bebeu e quer ser anjo. A música de duas clarinetas e a pele uniforme e mulata da banda roceira sobre quem um uniforme azul de anil dá um tom berbere ao que é de Bom Jesus dos Matozinhos.*

*Alguns pés de prata calçam sandálias de feira e mais o cheiro no ar de perfume de açucena e o de pólvora e o de mijo: tudo o que é sempre igual a sempre. Mas nessa noite em que os anjos e os homens bebem juntos e trocam confidências, as pessoas fazem com um outro diferente coração e entre um sorvete e um soluço semeiam a mágica da festa nas almas do lugar.*

*Quem levará a banda da leitoa a quem o frango? Quem acordará do sonho antes do tempo e berrará: “outra vez! Ah, outra vez!”? Quem, bêbado, tocará com os dedos os seios da moça ou, com as duas mãos, o rosto de Deus?*

*Tudo é nessa noite igual a sempre e mais os fogos no clarão dos montes e isto é a festa e mais a vida. E os velhos que hoje dormem depois das onze e contam casos de servos e senhores, sentados – sentinelas – nos bancos de pedra a limo nas pontas dos dois lados da Ponte da Barra. E outra vez os rojões e nunca o trabalho da pólvora foi tão generoso, pois aqui ele clareia a alma das casas velhas e o peito verde dos morros de Minas.*

*Aqui, no lugar chamado Ponte da Barra em Ouro Preto, onde uma oculta festa aos olhos dos vivos fazia dançarem, entre tambores e segredos, fantasmas devotos de negros e congos: homens que quando escravos cavavam com o sangue da farpa dos dedos em busca do ouro deste rio. Ah, os dias de sofrer sob a brasa do calor de março a procura de algumas pequenas fagulhas brilhantes da mesma cor amarela e viva do fogo desta noite! Ramalhetes de luz materializada que a terra cria e o rio esconde. E quando achadas – raras flores de ouro, rosas de metal e brilho – levantam sobre os rios as pontes, como aqui, e semeiam o pequeno viveiro de tudo o que a riqueza fácil faz: pontes e cruces de pedra, casas e igrejas.*

*Tudo o que tem um nome e o ouro ruim batiza: sandálias de moças de velas; os seus segredos, aras e altares; sacrários, sacrilégios; a púrpura do padre e os foguetes bons da noite; o mijo seco no canto ao lado do rio, a cerveja e, à volta da ponte, um imemorial odor de fé e pinga. Gestos mais do que solenes acompanhados em coro da palavra amém e um suave roçar contrito da mão no peito. Heranças do que o homem faz e a chuva lava.*

*Responsórios de ontem e restos por onde agora viajam sob a ponte suja da praça da festa os dejetos dos vivos e os seus sucos. Sobras do trabalho, os seus degredos: restos do viver que o rio acolhe e indiferente à festa leva longe, entre águas sem ouro e sem segredos.*

## **igreja de São Francisco de Assis**

*Faz algum tempo aqui os fiéis de missal e mantilhas converteram-se em diferentes seitas de turistas. Em outras eras os terços e os rosários, os cilícios e as medalhas bentas de prata eram as suas armas contra os terrores do oculto e os males dos outros. eram então almas leves. Ah, as meigas almas entre rendas brancas, dos que à noite pecavam e açoitavam o corpo dos negros rebeldes!*

*Mas ouvindo o coro das moças e a pregação das sextas de maio invadiam os rostos de ervas e de incensos e diziam: “Deus existe!” e choravam. O odor das velas de cera sempre acesas e o dos corpos esfregados como aroma dos campos nas tardes de sábado, para que nas manhã de domingo reluzissem diante do Senhor dos Exércitos e sua corte judia de anjos e magos. Tudo e todos em outros tempos. Seres, sagas de almanaque, mitos do passado, figuras vãs e sépia, presságios e mais os males da alma, de que o fiel se livra com água benta.*

*Agora as pessoas aos domingos chegam armadas de rosachoque e máquinas e mesmo diante do altar se arrependem somente do que não pecam. Pois falam e filmam e dos velhos do lugar querem saber as respostas difíceis de se perguntar. Não há face barroca de santo que escape aos poderes da fotografia. Romeiros de uma qualidade diversa de fé, eles saqueiam sem remorso a alma secular das imagens – pois o que pode ser sagrado depois de ser tão múltiplo?*

*E indiferentes aos mistérios da morte, ao murmúrio dos anjos, tratam a Igreja de São Francisco dos Pobres como a feira da rua onde nada se vende ou compra, mas onde, profanadas na foto, as visões de Minas possam ser levadas milhas e milhar além dos morros. Troféus de caça. Objetos fáceis que o turista captura, leva e dependura na parede. Lembranças “de lá”. Sinais obscuros do antigo e traços vagos que levados fora do ninho o coração depressa esquece e o tempo-traça depressa desfaz.*

## **O CAMINHO DA ESTRELA**

### **Deus**

*Ele nos veio. Havíamos, os do círculo de nós, nos preparado por eras e eras para aquele momento. Primeiro um dos nossos encontrou os sinais no tronco enrugado de uma castanheira no monte. Pareciam formar palavras em alguma língua estranha, esquecida. Mas de tudo, um dos nossos traduziu isto: virei. Depois, atirando com a mão esquerda uma pedra no lago atrás da aldeia e lendo a equação dos números na ondulação das ondas concêntricas, um outro de nossa gente estabeleceu o lugar e a data: a noite de ontem: Solstício de Inverno. Fomos até lá procurando precisar o local exato no sentir a variação dos rumos do vento em nossos corpos. Chegamos ao lugar e era um círculo de sete árvores em uma clareira no bosque. Do que vivemos então podemos dizer estas coisas: para além das medidas humanas para tempo e espaço, Deus chega quando vem. Ele nos chega por meio de anúncios quase incompreensíveis, como o suave murmurar das folhas da Faia ao vento de Oeste. De nada adianta aos homens estabelecerem datas com sortilégios que somente servem para o anúncio da chegada das chuvas e dos filhos. Ele nos vem e nos toma.*

*E é tudo, e é só. E o que nos toca fazer é responder sim ou não ao que, no entanto, já aconteceu. Sem que ninguém de nós dissesse nada aos outros ao redor do círculo, aprendemos a saber que se com um mínimo gesto dos sentimentos dissermos a palavra não, Deus, atento, se irá como veio e não nos legará castigo algum. A perda de sua presença já é o bastante. Se do fundo do coração dissermos um sim, ele plantará em nós uma pequenina semente. Somente então estas antigas palavras: pelos*

*seus frutos os conhecerei, serão decifradas. Pois todo o bem é uma planta semeada no ser de alguém e que algum dia cresceu. E todo o mal é apenas a sua falta. Como aquela Figueira Dissemos sim e ninguém de nós pronunciou palavra alguma. Diante do mistério que havia em nada acontecer ali, nós nos calamos e se algo dissemos, somente Ele ouviu.*

*Pois quando nos pareceu chegado o momento unimos a prece escrita em nossos corações e o mais velho de nós murmurou sem ninguém ouvir nada esta outra prece: vem. Houve apenas um estremecimento nas folhas dos galhos de algumas árvores perto de nosso círculo. Um pássaro da noite piou e os que ousaram abrir os olhos disseram que por um momento a noite tornou-se somente um pouco mais iluminada. Como acontece tantas vezes em Maio, a Lua por um breve instante saiu de trás da toalha das nuvens. E foi só. Mas se escrevo isto é porque desde aquela noite começamos a crer sem temores que alguma coisa estranha e feliz cresce entre e dentro de nós. Não temos ainda palavras para dizer o que sentimos, mas é tão forte que ontem um dos nossos disse: será preciso criar palavras novas. Assim sendo, antes que aconteça o que acreditamos que virá, alguns dos nossos trocaram arados por bastões e, sem cintos e nem alforjes, resolveram partir sem rumo algum para contar essas coisas aos outros. Três de nós ficamos para dizer aos nossos as palavras que esperamos que nos venham em sonhos. Também alguns outros não sabem ainda o que dizer, mas também eles calçaram as suas sandálias e, lendo rumos dos lugares do Mundo entre as estrelas, partiram.*

## **Santiago**

*Quando ele me chamou atendi. Larguei o que tinha e fui. Alguns deixaram barcas e redes. Eu, a minha própria memória de antes. E mais depressa do que Pedro, que foi ainda guardar as redes e despedir a família, fui. Quando ele me disse: vem comigo, primeiro cerrei os olhos. Se os abrisse e não visse o rosto daquele homem teria sido um sonho, uma imagem de tardes de grande sede, e eu estaria livre. Fechei os dois olhos e deixei de ver por um momento a sua túnica meio gasta, meio suja como os panos de quem caminha sem termo e o tempo dos cuidados que as mulheres e as águas dão às roupagens dos homens. Deixei de ver os peixes na areia e a areia da beira do lago. Os montes ao longe e então não sei o que vi detrás das pálpebras.*

*Quando abri os olhos ele estava lá, e repetiu: vem. Fui. Foi apenas isto e caminhamos juntos por estradas que nem ele e nem eu conhecíamos. E comemos do mesmo pão, dos mesmos peixes. Durante meses caminhei com ele e ouvia, entre os outros, as suas estranhas palavras. Ele contava estórias para revelar segredos. Gostava de suas lendas ora inocentes, ora terríveis, entre ovelhas, sementes e luzes de candeeiros debaixo da cama. Em algumas aldeias nos davam uma comida melhor do que um pão sem sal. E nos davam vinho. Ele tomava e nos deixava beber. Uma ou outra vez ficava mais alegre e esquecia mensagens e nos falava de quando era menino em Nazaré. Lembrava do amor como uma estranha palavra e dizia profecias sobre um reino aos pobres. Nunca o vi, esse reino prometido. Existe? Quando ele morreu pensei voltar à casa. Mas então eu era outro e não sabia mais a que voltar. A quem. E não sei porque, acabei seguindo os outros e aprendi com eles a falar em seu nome em duas ou três outras línguas. Queria contar as suas estórias, mas trocava as ovelhas pelas cabras e nunca*

sabia como terminar. Quando perguntavam por alguma razão de tudo aquilo eu sorria, e ríamos juntos.

Aqueles a quem eu deveria comover riam comigo e riam de mim. Gaguejava as palavras e não sabia ao certo o que dizer. Mas dizia. Disse e acabei querendo crer no que os que me ouviam acreditavam antes de mim. Viajei entre aldeias. Em troca de uns punhados de pão e um trago de vinho repetia de novo as mesmas estórias, a cada dia um pouco melhor. Pensei ser apenas um desses pequenos poetas errantes de outros povos, e por isso penso haver aumentado as parábolas dele e criado outros personagens e entremeios de dramas. Foi quando um dia, perto de quando tudo aconteceu, que vieram sobre nós umas folhas de fogo. Continuei a falar, com menos dúvidas. Pregava aos brados, com os braços erguidos e, com menos improvisos, procurei ser fiel. A que? A quem? Nesses ofícios de semeador do oitavo dia havia entre os nossos outros melhores do que eu. Dois jovens me seguiram. Soube por ouvir dizer que Pedro e os outros chamavam o que pregávamos de: o Caminho. Comecei a chamar assim também. Depois, os que cruzaram com Pedro e alguns outros vieram me contar os prodígios que eles faziam. Tal como Ele, curavam doentes e davam a vista aos cegos. Não quis crer, pois nunca fiz por minha conta e em nome dele prodígio algum.

Lembrava as estórias que ouvi e guardei e contava aos outros: saiu um semeador a semear. Os adultos, quase todos, abanavam a cabeça. Mas as crianças pediam: conta outra! Quando disseram que iriam me matar, respondi apenas: um dia viria, que seja hoje. Em algum lugar longe, em outros tempos, outros homens caminharão noites e dias em busca de meus sinais. Estarei morto, mas haverá enfim um caminho.

## **mortos**

*Apenas fomos antes. Os que haviam partido ao tempo das primeiras neves vieram chamar alguns da geração dos que inventaram em galego a palavra aldeia para nomear o lugar onde viviam em casas de pedras e em janeiro acendiam lareiras contra os ventos do inverno. Fomos como eles. Eram filhos de mulheres de um tempo anterior, quando por aqui eram outras as palavras e os gestos de amor entre macho e fêmea. Quando em lugar dos cruzeiros de agora que os nossos aprenderam a erguer sobre mastros de cantaria na encruzilhada dos caminhos, havia nas pedras dos montes sinais gravados em baixo-relevo: círculos, espirais, estrelas. No tempo devido eles vieram chamar alguns dentre os mais velhos. Vieram chamar. Foi tudo. Os que temeram o chamado não ouviram e fingiam dormir. Mas nós nos pusemos de pé, calçamos sandálias e fomos. É isto a morte? Fomos. Antecipadamente arrebatados a um longo sono em uma morada, creiam, de uma estranha luz! Tudo foi no meio da noite e em algumas casas os outros souberam apenas quando veio o sol. Na casa da madrugada, como quem afinal adormece por um longo sono sem medo dos sonhos. Como quem atende ao chamado de outros, desconhecidos e amados, estávamos em paz. Fomos por um ícone de claridade, enquanto antes de dormir em minha casa a mulher estendia sob o ferro de brasas a roupa escura.*

*Depois soubemos que entre prantos algumas velhas diziam orações. E nós, do outro lado dos caminhos da aldeia, sem podermos dizer a elas que atendíamos a um chamado. Havíamos sido escolhidos e íamos como quem deseja. Saímos de casa em viagem, enquanto os parentes e os vizinhos levavam vestidas em roupas de festa, as nossas casacas. Os que partiram antes, ao tempo dos primeiros bois e do milho, apareceram entre faias e olmos. Se eles brilhavam de luz, não percebemos. Vimos os seus rostos e eram como os nossos. Tinham apenas o ar de*



*quem agora vive além dos calendários. Nada. Apenas fomos indo pelos mesmos campos de sempre com os corpos um pouco mais leves. Éramos três e quando ao acaso nos tocamos com os dedos, éramos entre o trigo e a garça.*

*Mais adiante andamos sem molhar os pés por essas mesmas correioiras encharcadas de chuva. Fomos, repito, e só mais à frente os caminhos familiares foram se apagando. Quando viramos uma curva na estrada um sol de um outro diferente rosto nos acolheu. E foi só então que uma claridade inesperada nos envolveu de sua rara luz. E aos poucos entrevimos que algo dela vinha de nós. Foi assim. E assim chegamos a esse lugar caminhando com os próprios pés. Como quem num momento, entre um gole de água e um outro fosse arrebatado a uma mansão de luz. Mas como quem chega a ela tal como o inesperado que num domingo viajou a pé para rever um irmão em alguma aldeia longe. Agora, passado o tempo do silêncio, como em um sonho eu vos conto, para que enfim saibais e...*

*Marie Luise Kaschowitz, in **Vida Eterna?** de Hans Kung, pg. 202*

## **peregrino**

*O que eu fiz foi em silêncio. Sozinho eu vim. Mas todos por onde eu passava podiam me ver, pois eu repousava à noite onde me acolhiam e saía a viajar antes do primeiro claro do dia. Não era em nada furtivo, como o homem que por um momento sai do caminho, e furta algumas uvas na vinha e urina como um cúmplice, disfarçado de ausente, encostado num muro. Sei que os bons estão juntos e caminham juntos. Tocam-se, quando é devido, oram as mesmas palavras e repartem o pão, companheiros. Massageiam os pés uns dos outros e, como nos evangelhos, carregam entre eles os fardos de todos. Cuidam dos enfraquecidos e à noite contam casos de outros tempos, como se fossem parábolas. Eu vim vindo sozinho, desde Puente la Reina até Santiago. Queria carregar comigo uma grande ausência. Na porta de algumas casas eu anunciava o meu destino sem dizer meu nome e pedia o pouso e nunca o pão. Pois, sem orgulho algum – e quero que saibam disto – eu trouxe os meus pães na trouxa de peças de roupa pobres. Sim, porque o tempo todo desejei rever nos pães o sabor das mãos das velhas de minha aldeia. E assim, ao comer eu media pelo número dos que me restavam os dias de minha jornada. Quando comi o último cheguei aqui neste lugar onde você me vê. Aqui, na porta à esquerda da entrada do portal desta grande igreja de pedras. Tampouco aos anjos pedi coisa alguma. Se eles não atendem aos poetas, acaso me ouviriam? Ao sol sim, eu suplicava o seu calor, pois era junho. E pedia ao vento que soprava da direção de minha Terra, já que os de minha raça somos um desejo de não ter pressa e nem destino. Preferimos o deserto à Terra Prometida. Existe um Deus? Então ele não mora em parte alguma. Ele há de ser o começo de todos os caminhos e não se encontra onde eles terminam. Catedral alguma o aprisiona, pois o coração do homem é o seu telhado.*

*E foi assim que nesta grande catedral até onde um dos muitos caminhos me trouxe, não acompanhei os outros em pousar as mãos contritas e os lábios na coluna e, depois, no túmulo onde dizem que jaz um homem de outras terras. Não! Com as duas mãos toquei as pedras do lado de fora do templo e murmurei assim: Deus, se existes, estás aqui. Não vi sinais. Se o estranho homem santo a quem se honra aqui foi um peregrino como eu, então somos irmãos e nossas almas saberão se achar. Creio no sentido e no acaso, e isso me basta. Se ele foi mesmo um pregador da memória de um homem-deus, quero a sua carta e não quero a casa. E se ele foi um guerreiro, como contam alguns entre Roncesvales e Villafranca Del Bierzo, é mesmo bom que esteja morto. Pois o destino dos que matam é a morte. Andei até aqui. Vejam os outros: alguns voltam, cumpridos os ritos de piedade. Eu voltarei quando esta vela acesa no chão tenha se consumido. Ou, antes de retornar aos meus prados de carneiros, talvez eu estenda a jornada até um lugar onde diziam os antigos que a Terra inteira se acaba. Talvez ali eu encontre respostas às minhas perguntas. Mas, eu tenho perguntas? Desconfio que somos ao mesmo tempo a lembrança e o esquecimento da fragilidade da Vida. Os cães que nos ladram pelo caminho sabem disto.*

**outros**

*Tereis mesmo ido embora, oh rostos? Oh nomes? Tereis mesmo silenciosamente partido e agora viveis para além da existência e do encantamento? Tereis viajado embora? Em que rumo? Então nos viemos – nós, os últimos de nossa raça – às ocultas a este lugar de pedras e lobos e é em vão? E cada vez quando é a lua nova acendemos fogos e, escondidos à sombra de um carvalho convocamos os bons espíritos e acendemos folhas de loureiros e não nos escutais. E tiramos do lugar dos fundos da casa roupas brancas de raro uso nestas terras, e vestimos túnicas de lã e calçamos sandálias de couro cru para vir até estes altos honrar como os antigos a vossa presença na torrente da vida, para onde quer que tenhais ido estareis mortos? Distantes ou aqui? E aqui estamos sob o poder da noite e apenas o silêncio – o não dizer palavra alguma – nos protege dos ardis do mal. E agora a lua de junho veio e brilha o corpo nu sobre a copa da árvore sagrada. Isso vedes? Árvores que foram, supomos, a morada de castanhas, de aves e de vosso espírito. E não estais mais aqui? Como? Se elas crescem e dão, cada uma a seu tempo, a flor, o fruto? Vede, rostos amados: à beira do Tambre continuam a crescer os salgueiros, os abetos, os olmos, as faias, os freixos, os carvalhos e as castanheiras. Mas como segue sendo se não estais mais aqui? Se não presidis como antes o curso da seiva, a cor das águas? Quem, disseis-nos? Quem, oh seres de nosso rosto, está presente e oculto aqui para ordenar a lenta arquitetura da vida? Que outras mãos? Que outros gestos de algum semeador do oitavo dia substituem os vossos, quando da terra que uma tarde pisastes antes de nós, sai a primeira rama do trigo? Quem em vosso lugar ordena à uva que madure e depois protege do vinagre o vinho nos tonéis? Quando a cabra pare a sua cria e pia o cuco no cair da tarde, quem? De onde vem agora, se haveis partido daqui,*

*estabelece a previsível ordem da matéria da vida entre as estações de cada ano e refaz o ciclo de seus ritos? Quem? Se o ar de vossa presença e o vigor de vossas almas já parece não estar mais aqui entre nós? Quem? Haveis escolhido a fuga e o esquecimento quando chegaram por aqui esses outros? Haveis polido em que as arestas de vossa antiga força primária, como as águas do Sar afiam as pedras de suas margens? Vede! Haveis perdido – oh nomes que não sabemos esquecer – a corrente de fogo que antes nada represava? Rios da luz das águas da espera e do longo vôo? Sereis agora o pequeno lago de sombra cinza onde as fêmeas dos bosques vão beber água com os pés atolados na lama? Vós que em outras eras haveis sido, entre a Amahía e o Xallas, o vendaval e a tempestade, sereis agora a brisa de março? Um desses ventos domados em quem as moças de Luaña secam as suas saias? Sereis agora pequenas ondas de movimento que mal esvoaçam os cabelos de quem colhe centeio? Haveis – oh rostos incontáveis – vos entregado ao ócio e ao outono? Ah, não! Vós, os nossos, antes lembrados até nas canções de quando a avó envolvia a neta nascida duas luas atrás em peles de ovelha e cantarolava para que ela adormecesse segura de que, se estais no canto, estais no mundo. Ah, não! Pois em nós, seres de nosso rosto, em nossa memória e em nosso coração nunca silenciado, em nós que aqui estamos e como vós em vida nos chamamos, José, João, Pedro, Manuel e Santiago, nomes dados por outros depois de vós, entre a água, o sal e o óleo, em nós que até aqui viemos e viremos outras vezes, estais vivos como sempre e viveis. E viemos aqui - ah rostos de nossos outros – para vos lembrar os nomes e vos dizer isto.*

*Angel Crespo – **nunca idos***

## **pássaros**

*Antes, quando não havia o relógio, éramos o anúncio das horas, os senhores do tempo. Desde a madrugada cantávamos e o sol surgia. Dizíamos aos campos e aos homens, com a canção e o silêncio, os intervalos do dia e o fluir de seus momentos. Com a direção do vôo desvelávamos aos camponeses os ciclos do ano. Eles nos ouviam atentos para acordar, para lavrar a terra, para comer, para amar e adormecer. Vendo em nosso vôo a vestimenta das eras da vida, sabiam quando semear e quando colher. Sabiam quando acasalar e quando morrer. A Primavera aprendeu com o nosso retorno do Sul a voltar também. Não era o Inverno quem nos fazia aos bandos viajarmos às águas do Sul. Era através dele que os ventos do Norte, errantes como nós, aprendiam a trazer dos céus a neve branca. Entre nós, os pássaros e os homens do campo de um tempo anterior havia esse acordo. Nós sabíamos do velejar dos instantes e eles traduziam o saber de nossos cantos em palavras de sua tribo. Juntos criamos a poesia. Dissemos a eles, como entre amigos que o passar dos anos não faz esquecer: para nós o Sul nos basta. Mas é por amor a vocês que enquanto houver em alguns dias de setembro uma manhã acolhedora do sol, aqui estaremos de novo, uma outra vez. Aqui, de volta.*

## **meiga**

*Ando às voltas com a cegueira. Fecho os olhos e vejo. Há noites de outono entre a Minguante e a Nova em que essa camada de carne suave tem dores de pedra. São as minhas dores, prisioneiras do espanto e do espelho. Não há nada a fazer, agora, quando os homens que talham cruzeiros nas estradas dizem que os sortilégios são enganos. Ao norte daqui algumas mulheres foram queimadas por isso. Tento ver seus rostos na beira dos lagos. Mas não. Melhor que fiquem coladas aqui, em algum lugar dentro de mim. Algumas outras, mulheres de aldeia ou seres que sobraram de nossas raças antigas, antes de tudo isso acontecer, acaso sabiam sobre o inexistente, procurando aos tateios com a pele enrugada das mãos, já que para alguns entes da noite elas enxergam melhor do que os olhos. Assim os meus, que já me escapam de se livrarem de mim.*

*Já busquei tanto! Tinha poderes e podia curar doenças com algumas palavras e o toque de meus dedos. Agora não, e procuro abrigos. Alguém que não me tema e abra a porta e diga: vem comigo. Creio, mas não sei mais como repetir preces. Penso em Deus em silêncio e se ele não existe, que venha aqui me dizer. E antes, mesmo os que vinham aqui trêmulos, primeiro me ouviam. Depois fugiam sem olhar para trás e alguns gostariam de acender o fogo embaixo de minhas carnes. Às vezes é nem esperar. Seria bom fechar os olhos ao cair da noite e abri-los no meio de uma tempestade. E não ver nada ao ouvir o tambor dos trovões.*

*Mas desde quando por aqui mudaram o rosto e os nomes dos deuses, chove magro, regrado. Do que roça o meu corpo envelhecido, aprendi a separar o sopro do vento do arfar do Espírito. Sei que raro, mas sempre, ele passa, e é bom. Depois, nem isso. Algumas mulheres de roupas negras cruzam leiras por aqui e gritam do lado de fora: deus passa, é só ouvir! E eu que só, aqui, agora vejo através. Fecho os olhos que abertos já não distinguem o dia da noite e espio o insondável. Depois calo, pois de quem eu fui já se descrê em demasia.*

*Na minha morada de madeiras e palhas, do que já houve restaram algumas letras coladas no chão. Quem anda pela casa como eu descalça, sente e lembra. Cega das cores é pelo tateio da pele que me chega o sabor e o saber. Meu corpo que homem algum tocou por suas delícias. Nunca fomos muitas e hoje a conta de quem somos cabe nos dedos das mãos de um menino. Um dia a última de nós gritará ao vento o nome de todas. E será como nada. Se formos adiante algumas histórias que as avós contam aos netos, já será bastante. Ao tempo em que havia por aqui crenças no fogo e na terra eu gritava de minha porta um nome, e ele vinha. Agora durmo em branco. Fomos... é isso. Um copo de água dado no oco das mãos de alguém já seria tanto. Mas, quem?*

Márcia Nogueira – **carta pessoal**



## **ofícios**

*Foi o tempo. Falavam então do esquecimento e de sortilégios e magias. Falam ainda. Pensavam entre murmúrios nos exercícios com que os filhos dos faunos exerciam poder sobre o fogo e a lágrima. Foi antes, tempos antes. Teciam crenças sobre como dirigir com o espírito o percurso errante das nuvens e o das águas abaixo do corpo escuro da terra, entre os sete metais da alquimia. Vinham até minha casa, separada da aldeia em algumas noites e perguntavam com receio entre os olhos a respeito de tais assuntos. Depois se assentavam como crianças ao redor do avô e esperavam o silêncio. Antes de falar eu aquecia o fogo e tomávamos chás de folhas amargas. Bebiam devagar e esperavam em vão o verem sair de minhas mãos o véu do mistério. Como entre maio e sempre eu não tivesse nada a lhes responder, deixava apenas que viessem e repetissem a vinda, como a missa, como a messe, até estarem com os pés aquecidos na brasa do desejo.*

*Então, quando foi ontem pela noite eu afinal lhes falei assim:*

*O que viestes querer conhecer? Quereis saber da magia? Quereis conhecer senão os segredos de sua dupla alma? Quereis entrever ao menos um sorrateiro instante da evidência de seu poder submisso a um gesto de duas mãos? Podereis suportar um entreabrir que seja do olhar fugaz de seu clarão? E o mais velho deles disse em nome de todos: Sim! Mostra-nos isto, onde esteja! E eu respondi: Pois ide! Voltai pelo mesmo caminho ao local de onde viestes. Sai depressa daqui e retornai às aldeias de pedras e de lamas do inverno de onde saístes. E andai por ali. Devagar, como um alguém que havendo chegado sabe que não foi a lugar algum. Vagai ali. Pela primeira vez caminhai como viajantes, peregrinos, sem a pressa dos moços ou dos que imaginam que há sempre um milagre um*

*pouco adiante. Olhai como se pela primeira vez cada coisa, entre a espera e o silêncio. Vede cada pequena minúcia do mundo como quem veio de longe e não chegou ainda. Olhai à volta como filhos da dúvida e do assombro. Caminhai a sós, sem ninguém ao lado, os passos do susto e da demora.*

*Fazei assim até quando uma imensa sede vos leve fonte. Bebei então como quem se salva de um naufrágio. O que quereis conhecer vos rodeia, vive à vossa volta, e nunca vistes. Vede agora! Observai os ritmos do variar da vida, atentos ao florir de um lírio como quem espera a volta de um Messias. Esquecidos do tempo procurai os sinais do milagre no que restou deixados em marcas nas madeiras: alguns desenhos antigos, como letras, como riscos, gestos de rostos talhados na pedra. Um ou três arranhões imprevisíveis talhados com as unhas na carne do ferro. Ah! Lembrai como ele ressoa e chia quando se esfria enquanto avermelha as águas que o transformam em arado ou faca. Depois, ide sem pressa ver os que, como vós, levantam o sol da manhã com os sons dos seus ofícios. E o que tiverdes aprendido a ver, se souberdes perguntar, isto será a vossa resposta. Ide ver como os homens de boinas pretas cospem nas palmas das duas mãos, e armados de arados e de puas completam na terra a obra de um deus. E, como ele outrora, fazem isto em silêncio, pois lhes pesa o que criam. E é como se dissessem: ‘o que Deus fez em sete dias eternos nos seguimos fazendo nos outros infinitos tempos de sempre. Podeis ouvir e ver. Podeis tocar na obra da terra e nos ofícios dos homens. Isso é tudo e mais não há! E, ao me ouvirem dizer isto, alguns se foram e não voltaram mais. E outros não, e me olhavam com frases de desencanto. A estes eu disse ainda: quanto à obra dos magos e dos feiticeiros, desses que conjuram poderes em línguas sem gramáticas, dissei-me: o que restou de suas obras em que uma mulher de aldeia possa reconhecer a alma de seu povo e a seiva de seus dias? Onde está aquilo de que se diz que eles fazem, aquilo de que se possa anunciar, como*

*o homem da terra: em abril haverá flores; em julho, o grão. Nada! Eles são o brilho de um relâmpago condenado e fundam a ordem de lugar nenhum. São mais efêmeros do que a floração da alfafa e menos prodigiosos do que esses panos brancos que as velhas tecem com fios de linho para cobrir os pães. Caminhai para longe dos magos entre passos de espanto e de quimera. O imprevisto sempre chega um dia, e mesmo o que não abre os olhos, vê. Quereis crer no poder do mistério? Acreditai num prato quente de grelos com batatas.*

*E eles se foram.*

*E alguns observaram pela primeira vez as janelas das casas onde moravam e o suave labor dos canteiros á volta delas. Passaram dedos calosos ao redor dos sulcos de algumas pedras alisadas ali com as mãos de muitos meses. Encostaram os rostos de barba rala na aspereza do tronco de alguns carvalhos, e depois tocaram, como quem diz a prece, a perfeição dos encaixes da madeira de uma mesa. Dois ou três passaram meia manhã observando a difícil ciência das fechaduras. Outros roçaram várias vezes o rosto em peças de couro, essa tão frágil folha da vida. Pediram às mulheres que abrissem arcas e se envolveram de panos de veludo. Outros foram aprender a fazer com a cera das abelhas, as velas da noite. E, quando ela veio, congregados ao redor do fogão de lenha de pinheiros deram-se as mãos e oraram juntos diante do sacrário das panelas. No oco do barro beberam vinho com quem comunga. E quando na sala da casa viram a filha tecendo uma colcha de fios de cores, um deles lembrou-se de dizer: venham ver o lugar onde Deus aprende a armar o arco-íris!*

## **Rosalia**

*Falo das origens. Sonhei um sonho que me sonhava. Eu ainda nem era e me foi dado vir vindo até aqui. O escuro custava a ir embora e era o inverno de outro ano. De outro tempo. E eu via o que entre essas casa daqui havia e era inverno. E sem saber como, eu procurava fazer o trabalho das mulheres. Que elas tivessem e eu não ainda as roupas de mulher, tingidas da cor de um negro que dá ao corpo do volume da noite, pareceu-me o meu pesar.*

*Mas o tempo de prantear não era ainda. Que estivessem elas com esses lenços também do mesmo negro e os chapéus de palha, pareceu de repente o meu pecado. Foi com os olhos no chão que andei pela casa entre elas. E porque será que quando a chuva veio, ela molhou os seus linhos, suas lãs, e as minhas não? Ouvi que algumas falavam às outras de seus homens mortos. Falavam de outros, distantes, errantes em outras terras, do outro lado do mar. Terras de sonoros nomes além de nossa geografia. Quem não tem a quem chorar é órfão. Eu tinha. Foi eu dizer isso e pela primeira vez elas me olharam e algumas sorriram. Uma delas disse: aguarda, espera... E elas faziam os seus labores e era só por eles que a tarde tardava em ir embora.*

*Eu apertava o ubre das vacas e saiam palavras. Dava nos campos, como elas, com a gadanha nos feixes de trigo, e reunia molhos de frases. Na outra casa em que me abriram a porta eu entrei e acendi o fogo da lareira. Acendi o verbo, um verso, não sei... um canto.*

*Quando foi um sino em Bastavales – e eram sete horas –  
cobri com as mãos o rosto. Quando abri havia este poema.  
Assim foram as origens. Quando no sonho de quem fui  
voltei aos ares de onde vim, ousei dizer a quem distribui  
as almas entre os destinos: há um lugar onde corre um  
pequeno rio sobre claras pedras. Uma árvore de corpo  
retorcido. Um mugir de vacas, uma fonte de pedras e  
algumas mulheres, como em Cafarnaum. Ali eu quero  
estar. E ele disse uma palavra: vai!*

*A morte veio cedo, mas não tanto. Eu a esperava como  
quem no porto aguarda um pai que partiu há tempos,  
nunca escreveu e agora volta. Deitada na cama pedi que  
abrissem a janela. Que desde Padrón eu visse o mar. Não  
vi. Mas foi quando de novo o sino de Bastavales tocou as  
sete horas. Fechei os olhos e então o escuro era toda a luz.*

## **três canções de despedida**

### **e como antes e sempre, vamos**

*Eugenio Montale*

*Hão de os dias ser,  
e como as noites, claros  
ascenderão estrelas pelo céu.  
Assim também seremos  
e como antes vamos,  
e é a nossa sina o andar sem fim.  
E mesmo quando em casa  
estamos por aí, o olhar longe  
e a mala, como a vida,  
esperando quem parta ainda  
e vá, errando ao léu.*

### **e veio de longe te dizer**

*Eugênio Montale*

*Algum dia virá  
em que, serena, a morte  
depois de alguma esquina  
há de chegar e baterá  
com a mão em tua porta.  
Abre sem medo.  
É ela quem te leva além  
e veio de longe te dizer  
que é tempo: não o de colher  
mas o de semear.*

## **aos que vierem depois**

*Quando estes pequenos sinais  
(marcas a lápis na margem dos livros)  
forem algum dia achados ao acaso  
eu terei ido embora daqui. Terei ido.  
Virá alguém à biblioteca que foi minha  
e abrirá distraído um livro entre tantos.  
Ao folhear as páginas sem pressa,  
em alguma folha setenta e quatro  
encontrará uma pálida, uma quase apagada  
escritura que eu rabisquei um dia.  
Talvez nem a note, e será bom.  
Ou, então, curioso, fugirá por um instante  
do texto impresso em letras de um negro poder  
e virá à margem ver os meus rabiscos.  
Não saberá decifrar a minha letra ilegível  
E nem por isto ficará menos sábio.  
E fechará o livro e ao devolvê-lo à estante  
Talvez pergunte: quem foi? quando?  
E pode ser que a alma de meu espírito  
então responda:  
Fui eu, mas esqueça. Eu esqueci.*

**Campinas**

**Algum dia esquecido em 2012**

## **relação dos livros**

### ***Mão de Obra – poemas práxis***

*Edições Práxis/ Editora da UFG – 1968 - Goiânia*

### ***Os Objetos do Dia***

*Editora Oriente – 1976 - Goiânia*

### ***Diário de Campo – a antropologia como alegoria***

*Editora Brasiliense – 1982 – São Paulo*

### ***O Dia de Sempre***

*Editora da Universidade Federal de Goiás – 1997 – Goiânia*

### ***Os Nomes – escritos sobre o outro***

*Mercado das Letras – 1999 – Campinas*

### ***Orar com o Corpo – poemas e preces para as horas do dia***

*Editora da UCG – 2005 – Goiânia*

*Editora Verus – 2005 - Campinas*

### ***O Vento de Agosto no Pé de Ipê – escritos do sertão***

*Editora da UCG – 2005 – Goiânia – 2008 – Campinas*

### ***O Caminho da Estrela – poemas da Galícia e do Caminho de Santiago***

*Editora da PUC Goiás – 2010 – Goiânia*

*Este livro foi publicado também na Galícia*

### ***A trilha da Estrela – poemas de Galícia e do Camiño de Santiago***

*Editorial Toxosoltos – 2010 – Santiago de Compostela*